

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

KATIANE GENESINI DE ABREU

**UMA ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA ANTES E NO CONTEXTO DA CRISE
ECONÔMICA BRASILEIRA DE UMA EMPRESA DO SETOR METALMECÂNICO
DA SERRA GAÚCHA**

CAXIAS DO SUL

2018

KATIANE GENESINI DE ABREU

**UMA ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA ANTES E NO CONTEXTO DA CRISE
ECONÔMICA BRASILEIRA DE UMA EMPRESA DO SETOR METALMECÂNICO
DA SERRA GAÚCHA**

Monografia apresentada como requisito
para a obtenção do Grau de Bacharel em
Ciências Contábeis da Universidade de
Caxias do Sul

Orientador TCC I: Prof. Me. Evandro
Carlos Stumpf

Orientador TCC II: Prof. Me. Evandro
Carlos Stumpf

CAXIAS DO SUL

2018

KATIANE GENESINI DE ABREU

**UMA ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA ANTES E NO CONTEXTO DA CRISE
ECONÔMICA BRASILEIRA DE UMA EMPRESA DO SETOR METALMECÂNICO
DA SERRA GAÚCHA**

Monografia apresentada como requisito
para a obtenção do Grau de Bacharel em
Ciências Contábeis da Universidade de
Caxias do Sul

Orientador TCC I: Prof. Ms. Evandro
Carlos Stumpf
Orientador TCC II: Prof. Ms. Evandro
Carlos Stumpf

Aprovado (a) em ____/____/____

Banca Examinadora:

Presidente

Prof. (Titulação - Esp. Ms. Evandro Carlos Stumpf)
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Examinadores:

Prof. (Titulação - Esp. Ms. Eduardo Tomedi Leites)
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. (Titulação - Esp. Ms. Marco André Pegorini)
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico a todos vocês, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando, em especial aos meus pais, ao meu noivo, ao diretor da empresa onde trabalho, e a todas as pessoas que me apoiaram e contribuíram para que este trabalho atingisse seus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus agradecimentos a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que este trabalho fosse realizado. Em especial ao meu orientador, Prof. Ms. Evandro Carlos Stumpf, pela sua competência e orientação durante todo o desenvolvimento desta monografia. Agradeço de forma toda especial ao diretor da empresa onde trabalho, as pessoas que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e que acreditaram em minhas escolhas, apoiando-me em todos os momentos.

“A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso.”

John Ruskin

RESUMO

Diante do cenário que se encontra a economia do país nos últimos anos, muitas empresas passaram por dificuldades financeiras fazendo com que a crise econômica impactasse diretamente em seus resultados. Neste contexto o objetivo deste estudo é analisar os resultados financeiros, através de Demonstrações Financeiras, antes da crise (2012 a 2013) e no contexto da crise econômica (2014 a 2017) de uma empresa do setor metalmeccânico da serra gaúcha. Para cada um dos períodos se calculou e analisou médias dos principais indicadores financeiros da empresa. Os indicadores analisados foram os de liquidez, endividamento, rentabilidade, atividade e o fluxo de caixa, onde através de tabelas e gráficos, foram demonstrados a evolução de comportamento nesses anos. Também foram mencionadas as principais medidas tomadas pela empresa para manter sua operação nos períodos analisados. Os resultados encontrados demonstraram que a crise econômica impactou nos resultados financeiros e nos indicadores analisados. No período de 2012 a 2013 a empresa estava crescendo e desempenhando ótimos resultados de faturamento e lucro. Em 2014 a empresa começou a constatar que a economia vinha dando sinais de baixa, necessitando já tomar providencias para corte de custos e despesas. A partir de 2015 a 2016 a entidade deteve resultados negativos, sendo o pico da crise com uma baixa em seu faturamento. No período de 2017 os resultados da empresa começaram a sinalizar uma pequena melhora, seu faturamento aumentou e a empresa ficou muito próxima do lucro nesse período.

Palavras-chave: Análise dos resultados. Demonstrações Financeiras, Crise econômica. Indicadores Financeiros. Setor Metalmeccânico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Faturamento de Série Histórica (2000 - 2017)	46
Figura 2 - Grau de Endividamento	51
Figura 3 - Endividamento Total	52
Figura 4 - Taxa de Retorno sobre o Investimento	53
Figura 5 - Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido.....	54
Figura 6 - Fluxo de Caixa.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Demonstração de Fluxo de Caixa Método Direto.....	40
Tabela 2 - Demonstração de Fluxo de Caixa Método Indireto	41
Tabela 3 - % de Faturamento.....	48
Tabela 4 - Indicadores de Liquidez	50
Tabela 5 - Prazo de Renovação de Estoques.....	55
Tabela 6 - Prazo de Recebimento de Vendas.....	55
Tabela 7 - Prazo Médio de Pagamento de Compras	56

LISTA DE ABREVIATURAS

Dr.	doutor
Ms.	mestre
n.	número
nº.	número
p.	página
prof.	professor

LISTA DE SIGLAS

CE -	Ciclo Econômico
CF -	Ciclo Financeiro
CO-	Ciclo Operacional
DFC -	Demonstração de Fluxo de Caixa
DRE -	Demonstração do Resultado do Exercício
ET -	Endividamento Total
FMI -	Fundo Monetário Internacional
GE -	Grau de Endividamento
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LC -	Liquidez Corrente
LG -	Liquidez Geral
LI -	Liquidez Imediata
LS -	Liquidez Seca
PC -	Passivo Circulante
PCP -	Plano de Controle de Produção
PIB -	Produto Interno Bruto
PL -	Patrimônio Líquido
PMPC -	Prazo Médio de Pagamento de Compras
PMRE -	Prazo Médio de Renovação dos Estoques
PMRV -	Prazo Médio de Recebimento de Vendas
PNC -	Passivo Não Circulante
ROE -	Return on Equity
ROI -	Return on Investment
SIMECS –	Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul
TRI -	Taxa de Retorno sobre o Investimento
TRPL -	Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido
UCS -	Universidade de Caxias do Sul

LISTA DE SÍMBOLOS

%	por cento
R\$	reais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	14
1.2	TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.2.1	Delimitação do tema	15
1.2.2	Definição da questão de pesquisa	16
1.3	HIPÓTESES OU PROPOSIÇÕES	17
1.4	OBJETIVOS	17
1.4.1	Objetivo geral	17
1.4.2	Objetivos específicos	17
1.5	JUSTIFICATIVA	17
1.6	ESTRUTURA DO ESTUDO	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1	CRISE ECONÔMICA	20
2.1.1	Conceito	20
2.1.2	Crises econômicas de grande impacto	21
2.1.2.1	Crise de 1929	21
2.1.2.3	Crise Econômica Brasileira a partir de 2014	23
2.2	ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA SE MANTER EM TEMPOS DE CRISE	25
2.3	INDICADORES FINANCEIROS	26
2.3.1	Indicadores de Liquidez	26
2.3.2	Indicadores de estrutura de capital e endividamento	29
2.3.3	Indicadores de Rentabilidade	31
2.3.4	Indicadores de Atividade	32
2.4	ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO	34
2.4.1	Conceito e estrutura do capital de giro	34
2.4.2	Análise do capital de giro	35
2.5	FLUXO DE CAIXA	37
2.5.1	Conceito de fluxo de Caixa	37
2.5.2	Fluxo de Caixa: Método Direto	40
2.5.3	Fluxo de Caixa: Método Indireto	41

3	METODOLOGIA	43
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	43
3.2	PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	44
4	ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA SETOR METALMECÂNICO ..	45
4.1	SETOR METALMECÂNICO.....	45
4.2	IMPACTOS DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA NOS RESULTADOS ECONÔMICO-FINANCEIROS DA EMPRESA CASO	49
4.2.1	Análise dos Indicadores Financeiros.....	49
4.2.2	Análise do Fluxo de Caixa.....	57
5	CONCLUSÃO	59
	REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

A crise econômica que está acontecendo nos últimos anos no país vem causando impactos negativos para muitos setores da economia. A palavra crise já causa um efeito nada positivo e preocupa a sociedade, pois não tem como prever quais serão as consequências diretas e indiretas.

As empresas são as primeiras atingidas pela crise e muitas se não apresentam um excelente controle de suas finanças não conseguem se manter e precisam tomar decisões para cortar seus custos e se manterem no mercado.

Crise econômica é um período de dificuldades, escassez e baixa do consumo da sociedade. A crise do capitalismo ou crise econômica é como se chama a definição quando um país se torna incapaz de controlar fatores como a alta da inflação sem que as ações prejudiquem a produção de bens e serviços, como também sua comercialização e o consumo.

O site da Veja, de abril de 2016 mostra que os principais riscos para a economia brasileira estão ligados ao cenário político turbulento, diz o Fundo Monetário Internacional (FMI) em nova análise sobre o Brasil. A incerteza política é outro fator que tem contribuído para os baixos níveis de confiança, tanto de empresários como de consumidores, afirma o FMI também nessa mesma redação.

O informativo do SIMECS (Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul) em junho de 2015, divulgou que no primeiro quadrimestre de 2014 para o segmento metalmeccânico de Caxias do Sul, certamente ficará marcado como um dos mais difíceis dos últimos tempos. As empresas locais do setor automotivo, eletroeletrônico e metalmeccânico amargaram um saldo negativo de 12,01%, em comparação com o mesmo período do ano passado.

Esse período de crise causa muita turbulência para todos os setores da economia e grande parte das empresas foram atingidas, principalmente aquelas que diretamente ou indiretamente causam efeitos na cadeia produtiva. As decisões das empresas para amenizar seus custos geralmente giram em torno de desligamento de colaboradores e conseqüentemente isso causa desemprego, baixa de consumo e negatização de créditos.

Para identificar os efeitos da crise econômica nos resultados financeiros das empresas e no setor que ela está inserida, é de fundamental importância verificar seus resultados antes desse momento de crise comparando com o contexto atual, e identificando quais as principais estratégias que as empresas estão adotando para se manter nesse período.

1.2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

1.2.1 Delimitação do tema

É de fato que a crise econômica brasileira vem causando grandes complicações em toda a sociedade. As empresas do país são as mais atingidas com esse momento e isso impacta diretamente em seus resultados financeiros. Segundo Dal Zotto Gomes et al. (2016) no artigo Impactos da Crise Econômica em Diferentes Setores,

A forma como uma empresa é vista no mercado, quanto a sua solidez e bons resultados financeiros, muitas vezes é mensurada por fatos corriqueiros, sem uma análise aprofundada de sua real situação. Muitos são os fatores que influenciam tanto a “impressão” quanto a “real condição”, dentre estes, fatores políticos, climáticos, tecnológicos, mercadológicos, etc. (XVI Mostra de Iniciação Científica, Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Programa de Pós-Graduação em Administração – UCS, 2016, p.1).

De acordo ainda Dal Zotto Gomes et al. (2016) no mesmo artigo, diagnosticar a situação de uma empresa é um processo técnico de composição de elementos e levantamentos de dados, e a correta interpretação dos indicadores gerados pela análise possibilita ao gestor condições seguras para os processos de tomada de decisão. Para fazer uma boa análise é importante que o gestor da informação conheça a história da empresa em questão.

Dentro deste contexto, Assaf Neto (2012) afirma que as análises das demonstrações financeiras visam fundamentalmente o estudo do desempenho econômico-financeiro de uma empresa em determinado período passado, para diagnosticar sua posição atual e produzir resultados que sirvam de base para previsão de tendências futuras. Também segundo Luz (2014), a primeira etapa de

uma análise é o estudo mais completo possível do cenário econômico do período a ser investigado.

Através da análise dos resultados financeiros da empresa nesse período de recessão da economia, verifica-se as informações e os números que estão registrados nos seus relatórios financeiros. Os demonstrativos mais utilizados pelas instituições para essa verificação são: a Demonstração do Fluxo de Caixa e os indicadores financeiros.

Esses instrumentos de informação são de extrema importância para os gestores acompanharem o desempenho da empresa e certamente tomarem decisões para manter o negócio. As empresas em período de recessão econômica precisam se reinventar adotando estratégias diferenciadas para continuarem com suas operações normalmente.

Em reportagem na revista Pequenas Empresas e Grandes Negócios em novembro de 2016, os especialistas recomendam que para driblar a crise as empresas passam a cortar custos, rever processos, reforçar o posicionamento de suas marcas, investir em desenvolvimento e comunicação para não perder relevância.

Para melhor averiguar-se essa situação, este trabalho se propõem realizar um estudo sobre os resultados financeiros de uma empresa do setor metalmeccânico de Caxias do Sul, evidenciando seus resultados antes e no contexto da crise econômica que começou em 2014 e que está atingindo todo o nosso país atualmente. A partir do estudo pretende-se ainda sugerir melhorias na gestão financeira da empresa se necessário.

1.2.2 Definição da questão de pesquisa

Com base na delimitação do tema de pesquisa proposto, a questão de pesquisa para o estudo é: Quais os impactos nos resultados econômico-financeiros da crise em uma empresa do setor metalmeccânico de Caxias do Sul?

A definição da questão de pesquisa, além de levar em consideração a delimitação do tema, também considerou que a crise econômica é extremamente impactante no desempenho dos resultados financeiros das empresas.

1.3 HIPÓTESES OU PROPOSIÇÕES

H₁: A crise econômica que vem atingindo o país nos últimos tempos tem impactado nos resultados financeiros da empresa em análise.

H₂: As estratégias que a empresa está adotando como decisão para melhorar e manter seu desempenho são eficazes.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

Analisar o impacto da crise econômica a partir de 2014 nos resultados econômico-financeiros de uma empresa do setor metalmeccânico da serra gaúcha.

1.4.2 Objetivos específicos

- Desenvolver um referencial bibliográfico contemplando os principais pontos do referente estudo;
- Resgatar a história da crise econômica brasileira de 2014;
- Procurar as causas e consequências da mesma;
- Demonstrar os resultados econômico-financeiros da empresa em um estudo antes e no contexto da crise;
- Analisar os impactos nos resultados econômico-financeiros da crise na empresa;
- Identificar as estratégias adotadas pela empresa para se manter no mercado.

1.5 JUSTIFICATIVA

Atualmente o país todo vem passando por um forte período de recessão econômica e as consequências impactam diretamente no andamento dos principais

setores que são importantes na cadeia produtiva e que reflete em diversos aspectos na economia.

A principal consequência que impacta na empresa é o desempenho dos seus resultados financeiros, que acabam normalmente apresentando resultados negativos devido ao baixo faturamento. Por isso, é extremamente importante fazer uma análise desses resultados para verificar quais são os principais fatores que estão prejudicando a empresa.

O estudo desse tema nos levará a entender quais são os fatores da crise que influenciam diretamente na empresa e quais são os resultados financeiros encontrados. Portanto, verificando se a empresa apresenta resultados indesejados e quais estratégias que vem desenvolvendo para se recuperar.

Muitas empresas acabam não tomando as decisões corretas fazendo com que a gestão não aja rapidamente, muitas vezes por não ter um bom planejamento e acompanhamento do que está acontecendo na economia. É fundamental a gestão da empresa estar sempre atualizada dos acontecimentos do mundo e não somente estar voltada para dentro da sua organização.

No ano de 2014, muitas empresas começaram a tomar decisões a partir dos sinais da economia brasileira, devido à grande instabilidade que apresentava na época. As estratégias de muitas empresas começaram com a flexibilização da jornada de trabalho e as empresas que já estavam com sua situação financeira complicada, com o corte de muitos colaboradores.

Os gestores das empresas tiveram que utilizar estratégias para manter seus negócios em funcionamento. O corte de custos e despesas é a primeira providência que muitas empresas fazem, revendo seus processos e tentando otimizar o que fosse necessário. Essas mudanças são necessárias para a organização e com certeza quem passa por isso, sabe que encontra muitas dificuldades para se adaptar.

Diante do que foi citado, sabe-se que o tema apresentado é de grande importância para fins profissionais, científico e acadêmico, justificando a sua realização.

1.6 ESTRUTURA DO ESTUDO

No primeiro capítulo será apresentada uma contextualização do tema, bem como os objetivos, a questão de pesquisa e a justificativa do referido estudo.

No segundo capítulo serão apresentados diversos aspectos teóricos e mercadológicos que devem ser observados referente as principais causas e efeitos de uma crise econômica buscando enfatizar a crise de 2014 que perdura até os dias atuais. Também será apresentado como deve ser analisado os principais indicadores financeiros, capital de giro e a demonstração de fluxo de caixa da organização.

No capítulo três será descrita a metodologia que será utilizada para o desenvolvimento do estudo, onde serão apresentados seus diferentes aspectos.

No quarto capítulo será demonstrado o desenvolvimento do estudo de caso, onde este capítulo tem o objetivo de evidenciar quais são os impactos da crise econômica nos resultados financeiros de uma empresa da Serra Gaúcha. Fazendo uma análise dos resultados financeiros antes da crise econômica e como foi o seu comportamento durante o começo da crise (2014) até o momento atual. Nesse capítulo também serão apresentados os principais impactos que a crise ocasionou e as estratégias que a empresa adotou para se manter no mercado.

Ao final, serão apresentadas as conclusões geradas a partir do estudo realizado. Verificando através dele quais foram os dados encontrados, como foi o comportamento dos resultados da empresa durante esse período e as principais decisões tomadas durante esse processo como estratégia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CRISE ECONÔMICA

2.1.1 Conceito

“A Economia pode ser definida como uma ciência social que estuda a maneira pela qual os homens decidem empregar recursos escassos, a fim de produzir diferentes bens e serviços a atender às necessidades de consumo”. (MICHELS, 2013, p.12). A crise é uma mudança brusca ou uma alteração importante no desenvolvimento de um qualquer evento ou acontecimento, e essas alterações podem ser físicas ou simbólicas.

Pode ser identificada como um período de resseção, depressão e queda na demanda de produtos e serviços. Nesse momento de crise o país não consegue mais controlar os fatores que envolvem a economia e esses fatores atingem a produção de bens e serviços, como também a sua comercialização e conseqüentemente o consumo.

O termo crise econômica se aplica a variadas situações em que instituições ou ativos financeiros desvalorizam. A economia é cíclica e existe etapas pelas quais ela se passa. Existe quatro fases, o período da primeira fase chamado de o “boom”, quando a atividade econômica atinge o seu auge, outra fase é a depressão, quando há queda dos indicadores. A terceira fase, a recessão, quando a depressão passa de dois trimestres consecutivos e a última fase é chamada de estagnação, quando se inicia novamente o ciclo, com os indicadores começando a subir.

Segundo Schumpeter (1911 *apud* SCHILLING,2015), a crise ou recessão ocorre sempre que há um evento desfavorável ou de extrema importância. Em sua obra Ciclos Econômicos (1939), afirma que o comportamento natural da economia capitalista é cíclico. De acordo ainda, Schumpeter (1911 *apud* SCHILLING,2015) o capitalismo desenvolvia-se em razão de estimular o surgimento de empreendedores, que são os responsáveis por toda a prosperidade do sistema e também pelas inovações provocadas pela tecnologia e pelos inventos científicos.

Já para Marx (1867 *apud* SCHILLING,2015), um dos primeiros pensadores econômicos, dizia que as crises não eram algo isolado ao sistema econômico, mas sim inerentes ao capitalismo, fazia parte da própria essência do sistema.

Segundo ainda Marx (1867 *apud* SCHILLING,2015), a maior razão da crise econômica é o problema de alguns processos, pois o capitalismo está ligado em duas premissas que o estimula a uma crise permanente, uma delas é a concorrência e a outra é que o sistema não está voltado as necessidades sociais.

As crises econômicas sempre existiram e repercutiram pelo mundo todo, elas são estudadas e analisadas desde o surgimento do capitalismo por grandes economistas e filósofos. Já aconteceram grandes crises mundiais com efeitos catastróficos e que mudaram a economia global.

2.1.2 Crises econômicas de grande impacto

Foram diversas as crises mundiais na economia que ficaram marcadas na história, dentre elas faço destaque a crise de 1929 que atingiu vários países do mundo principalmente os industrializados. E a crise financeira de 2008 no ramo imobiliário onde os bancos tinham estendidos créditos de hipotecas sem valores de mercado para milhares de pessoas.

2.1.2.1 Crise de 1929

A primeira grande crise econômica mundial foi a “Grande depressão” como chamada, que aconteceu em 1929 nos Estados Unidos, mas que atingiu todos os países capitalistas. A produção norte-americana cresceu muito naquela época, aumentando sua produção em 50% e deixando a bolsa de valores movimentada. Porém em outubro de 1929, houve um colapso no mercado de ações na bolsa de valores de Nova York, sendo perdidos bilhões em valores e milhares de investidores ficaram arruinados.

Segundo Marques, Berutti, Faria (2012, p.154) “A integração das economias capitalistas foi responsável pela difusão da crise por todo o mundo.” Os principais fatores que contribuíram na época para a crise de 29, foi a renda sendo distribuída com desigualdade, os Estados Unidos deixaram de ser o principal devedor do mundo para ser o principal credor, após a Primeira Guerra Mundial, e o principal

fator foi que a especulação em larga escala em torno das sociedades anônimas sem controle algum no mercado da Bolsa de Valores.

Como forma de recuperação da crise as principais potências mundiais se focaram para suas nações e os Estados Unidos implantaram um novo plano e sistema econômico, chamado *New Deal*. Esse novo plano introduziu regras para o liberalismo econômico, onde a principal regra é a intervenção do estado no controle da economia nacional.

2.1.2.2 Crise de 2008

Outra grande crise aconteceu em 2008 que começou nos Estados Unidos, onde o “estouro” do ramo imobiliário que impactou nas instituições financeiras trouxe graves consequências na economia do país e do mundo.

Segundo Oreiro (2011), o evento detonador da crise foi a falência do banco de investimentos Lehman Brothers no dia 15 de setembro de 2008, após a recusa do *Federal Reserve* (Fed, banco central americano) em socorrer a instituição. Esse fato teve um impacto no mercado financeiro referente a confiança que se tinha. Após o rompimento os bancos aumentaram a sua preferência pela liquidez. A consequência disso foi o aumento da venda de ativos no que ocasionou uma “deflação de ativos”, ocasionando queda brusca nos preços dos ativos financeiros.

O resultado foi que não haviam mais créditos disponíveis pelas instituições financeiras, baixando o nível de produção industrial e o comércio internacional em todo o mundo. No Brasil a crise de 2008 impactou na diminuição da produção industrial e uma queda no Produto Interno Bruto (PIB). Segundo Oreiro (2011), a produção industrial caiu quase 30% no último trimestre de 2008 e o PIB apresentou uma contração anualizada de 14% durante esse período.

Para superar esse momento os países desenvolvidos utilizaram-se de políticas fiscais e monetária. Os bancos centrais diminuíram a taxa de juros de curto prazo para 0% para proporcionar liquidez aos mercados financeiros. No Brasil, as regras fiscais começaram antes da monetária com um regime de metas de inflação bem rígidas. O governo da época aumentou o investimento público, reduziu impostos, aumentou o salário mínimo e o seguro desemprego e a redução dos juros só veio em meados de 2009.

2.1.2.3 Crise Econômica Brasileira a partir de 2014

As grandes mudanças que aconteceram na economia do país são em decorrência principalmente por questões sociais, políticas e econômicas. Elas influenciam na vida das pessoas e principalmente das empresas de todos os setores.

A crise que assola o país, começou em 2014, onde os primeiros sinais foram aparecendo com um crescimento do PIB somente de 0,5% naquele ano. Esse resultado já despertou muitas incertezas para muitos empreendedores brasileiros e desconfiança com a economia do Brasil. Em ano de copa do mundo, muitos afirmam que o mundial foi um dos fatores influenciadores para o começo da crise.

Segundo Costas (2014), a copa do mundo seria uma grande oportunidade para o desenvolvimento socioeconômico do país, mas a partir de estudos feitos por consultorias econômicas os efeitos da copa trouxeram efeito nulo ou insignificante para o PIB. De acordo ainda com Costas, as causas para o desaquecimento são internas e a copa do mundo pode ter influenciado na queda do PIB. Pois, entra em questão a paralisação de alguns setores como comércio e serviços e ainda pode ter ajudado a paralisar a indústria, mas não estaria entre as principais causas da recessão.

O escândalo da empresa Petrobras referente a corrupção, lavagem de dinheiro e propina revelados pela operação Lava Jato, pode ter sido outro fator da crise, pois trouxe uma queda muito acentuada. A Petrobras era a maior investidora no país e devido a esse acontecimento os investimentos caíram em 14% em 2015 e a operação atingiu muitas empreiteiras que respondiam por parte desse investimento.

A grave crise política brasileira também desencadeou impactos sobre a economia. Os escândalos de corrupção envolvendo grandes empresários, governantes, ministros e parlamentares revelados pela operação Lava Jato, repercutiu o mundo todo, deixando assim o Brasil em maus “lençóis” na “vitrine internacional”. A própria população brasileira perde a confiança no governo, pois na verdade é difícil prever quando acontecerá uma nova conjunção das forças econômicas, judiciárias, políticas, midiáticas e populares para o bem do país.

Conforme Struck (2016) o PIB da indústria caiu em 6,2% em 2015 e na indústria de transformação esse resultado ainda foi pior fechando em queda de

9,7%. Muitos afirmam que essa retração da indústria foi devido à queda de consumo. Para o economista Jensen (2016 *apud* STRUCK,2016) o resultado da indústria foi devido à queda de consumo, pois no ano anterior, muitas tarifas estavam defasadas e elas foram reajustadas, onde só a energia aumentou 60% naquele ano. A consequência foi direta para o bolso do consumidor que diminui o seu poder de consumo.

De acordo publicação de Struck (2016), a chefe de coordenação de contas nacionais do IBGE, Rebeca Palis, também aponta a relação da queda da indústria por causa do poder aquisitivo. “Em época de inflação alta, o consumidor não pode parar de comprar alimentos, mas substitui por produtos mais baratos, ou acaba comprando menos”.

Um dos problemas apontados por economistas é a elevada taxa de juros, segundo o site G1 da Globo, que isso é um entrave para a recuperação da economia, porque ao tornar o crédito e investimento mais caros, os juros acabam prejudicando o crescimento da mesma. Ainda conforme o mesmo site especialistas também apontam que a forma do governo controlar os preços foi um dos motivos do desequilíbrio econômico.

Conforme Botelho (2015) da Fundação Getúlio Vargas, “a intervenção estatal não foi benéfica e fez com que a economia patinasse, pois, a contração dos preços para evitar inflação gerou déficit nas empresas, desacelerando o crescimento”.

A principal consequência que a crise traz é o alto nível de desemprego que assusta a todos, isso revela graves problemas sociais e econômicos. As famílias ficam com pouco poder de compra, não consumindo ou consumindo o que é necessário e não investindo em formação de jovens. A sociedade acaba perdendo em capacidade de capital humano.

Todos esses fatores que agravaram a situação econômica do Brasil, fizeram muitas empresas procurar alternativas e soluções para continuar operando normalmente suas atividades. Muitas não conseguiram dar a volta e fecharam suas portas.

O setor metalmeccânico da Serra Gaúcha teve um desempenho negativo que começou em meados de 2014, principalmente por esses fatores econômicos, entre os quais, segundo o informativo do SIMECS, são a alta taxa de juros, a elevação dos preços, o endividamento do consumidor e a consequência elevação da

inadimplência, dificuldades das empresas obterem financiamentos e a desconfiança do empresariado nas políticas públicas.

As empresas para se manter nesse período complicado tiveram que adotar estratégias chaves e procurar medidas necessárias como alternativa de salvar seus negócios.

2.2 ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA SE MANTER EM TEMPOS DE CRISE

Muitas foram as mudanças necessárias para as empresas conseguirem se manter nessa crise econômica. As empresas de imediato precisam cortar seus custos e diminuir suas despesas como forma de conseguir cumprir suas obrigações.

Nessa crise um dos principais cortes que as empresas efetuaram foram a diminuição de colaboradores, corte de alguns setores e processos que não são fundamentais para a continuidade das atividades da empresa.

O grupo de gestão das empresas tem um grande desafio em tempos de crise, pois a responsabilidade de encontrar estratégias para se adequar à nova realidade não é uma tarefa muito fácil e deve ser analisada para o bem da saúde financeira da entidade.

Entre as alternativas, “para as empresas driblar a crise passa por cortar custos, rever processos e também reforçar o posicionamento de suas marcas e investir em desenvolvimento e comunicação para não perder relevância”. (Revista PEGN, 2016). É importante fazer uma análise para eliminar as despesas que não são necessárias, buscar novos fornecedores ou renegociar os preços e a possibilidade de reaproveitamento de processos e matérias que antes eram desperdiçados.

Segundo a revista Exame, em reportagem publicada em 2016, o foco de muitas empresas é aumentar o faturamento, muitas inovaram em seu setor comercial, criando estratégias como competições entre equipes de vendas, dando incentivos para os vendedores que atingissem as metas e promovendo eventos com os clientes como forma de fidelizar o relacionamento. Além disso muitas empresas treinaram todos seus funcionários para serem vendedores como forma de alavancar suas vendas.

Muitas empresas avaliaram seu mix de produtos e foram em busca de novos mercados para agregar em seu negócio. Dar preferência a venda de produtos que dão melhor margem de valor agregado e prover marketing em cima desse produto. Também é importante trabalhar em cima de pedidos confirmados para evitar saldos em estoques e perdas de margem e lucro.

E o que maioria das empresas fizeram para se manter na crise econômica foi controlar muito bem suas finanças. É importantíssimo a gestão financeira gerenciar os principais indicadores financeiros, o capital de giro e o fluxo de caixa da sua empresa para o seu melhor desempenho financeiro e econômico.

2.3 INDICADORES FINANCEIROS

Os índices financeiros nos mostram valores relevantes que poderão contribuir para a tomada de decisão. Eles têm por objetivo auxiliar a gestão evidenciando o desempenho da empresa em determinado período.

Para Silva (2013 apud LUZ, 2014, p.41), os índices financeiros são “relações entre contas ou grupos de contas das demonstrações financeiras, que têm por objetivo fornecer-nos informações que não são fáceis de serem visualizadas de forma direta nas demonstrações financeiras”.

Quando é feita a medição desses valores a empresa pode acompanhar a evolução e o comportamento ano a ano. Isso é extremamente importante para um planejamento e controle das finanças.

2.3.1 Indicadores de Liquidez

Os indicadores de liquidez representam o que está em disponíveis no caixa e em títulos no mercado. “A liquidez representa a disponibilidade em moeda corrente, meios de pagamento, posse de títulos ou valores que podem ser convertidos rapidamente em dinheiro”. (CHIAVENATO, 2014, p.15)

Segundo ainda Chiavenato (2014, p. 15) “a liquidez significa a qualidade daquilo que se pode dispor imediatamente e, portanto, a capacidade de um bem, título ou obrigação de se transformar em dinheiro ou em disponibilidade monetária”.

A liquidez dependendo do tipo de aplicação financeira pode ser maior ou menor, e apresenta com as aplicações de longo prazo uma menor liquidez e as aplicadas a curto prazo maior liquidez.

Os índices de liquidez são instrumentos de avaliação da capacidade financeira da empresa em cumprir as obrigações para com os terceiros, evidenciando o quanto a empresa possui de bens e direitos em relação as obrigações assumidas em determinado período.

a) Liquidez Corrente

A liquidez corrente é considerada um dos melhores indicadores financeiros para análise de uma empresa. Esse indicador mede a capacidade da relação dos ativos realizáveis a curto prazo (disponibilidades, clientes e estoques) com as dívidas circulantes (fornecedores, empréstimos de curto prazo e contas a pagar).

“Divide-se a soma dos valores de estoques, duplicatas a receber, bancos, caixa, pelos valores devidos a fornecedores, contas a pagar e empréstimos e financiamentos a pagar, obtendo-se um índice que revela o papel da solvência da empresa”. (LUZ, 2014, p.42)

Segue a fórmula para cálculo:

$$LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

O resultado indica quanto a empresa possui de Ativo Circulante para cada R\$ 1,00 de Passivo Circulante. Quando esse valor for menor que 1,00 isso significa que está faltando recursos para as obrigações de curto prazo.

b) Liquidez Seca

A liquidez seca calcula o indicador diminuindo os estoques dos ativos realizáveis a curto prazo. Dessa forma esse indicador fica mais rigoroso que o da liquidez corrente, pois com a exclusão dos estoques o restante do ativo se transforma em valores recebíveis, considerando que nada mais será comercializado pela empresa.

Segundo Luz (2014, p.43) “conforme a atividade da empresa, ela terá menor ou maior dependência desses estoques, portanto, quanto maior o índice, entende-se que a empresa depende menos da venda dos estoques para poder quitar suas obrigações a curto prazo”. Segue a fórmula para cálculo:

$$LS = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Com esse índice pode ser feito uma análise referente a capacidade de realização dos estoques. A empresa que possui como estoque principal os produtos em processo, tem sua rotatividade menor, enquanto uma empresa comercial que normalmente tem facilidade maior de venda e rotatividade.

c) Liquidez Imediata

O indicador de liquidez imediata tem por objetivo calcular a capacidade de pagamento a curto prazo, desconsiderando os estoques e demais valores a curto prazo, só considera o valor disponível em caixa e aplicações financeiras de resgate imediato. Segue fórmula para cálculo:

$$LI = \frac{\text{Disponível}}{\text{Passivo Circulante}}$$

A liquidez imediata indicará o quanto a empresa possui de recursos financeiros disponíveis de imediato para o pagamento das contas de curto prazo.

d) Liquidez Geral

A liquidez geral é a capacidade de pagamento de todo o passivo exigível da empresa. “O índice de liquidez geral mostra a solidez do embasamento financeiro da empresa em longo prazo, considerando tudo o que ela converterá em dinheiro em

curto e longo prazos e relacionando com tudo que a empresa assumiu como dívida, também em curto e longo prazos. (LUZ, 2014, p.40)

Segue fórmula para cálculo:

$$LG = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a longo prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a longo prazo}}$$

O resultado apurado significa o quanto a empresa possui de bens e direitos para saldar todas as suas dívidas de curto e longo prazo. Quanto maior o índice melhor, sendo maior que 1.

2.3.2 Indicadores de estrutura de capital e endividamento

Os indicadores financeiros de endividamento têm como objetivo evidenciar a utilização de capitais próprios e de capitais de terceiros de uma entidade. Segundo Luz (2014, p.52) “a estrutura de capitais de uma empresa, basicamente, diz respeito da composição do passivo, mais especificamente por meio da participação entre as fontes de financiamento com a composição das obrigações da empresa”. Esse grupo de análise visa demonstrar qual é o nível de participação em valores do capital próprio em relação aos capitais de terceiros. “A análise do endividamento possibilita ao proprietário verificar o percentual de participação de capitais externos na empresa”. (ÁVILA, 2012, p. 205)

Os capitais próprios são o capital social e os lucros retidos da empresa, ou seja, o patrimônio líquido. Os capitais de terceiros são as obrigações da empresa, ou seja, passivo circulante juntamente com o exigível a longo prazo.

É importante salientar que a composição do capital de uma empresa pode se alterar conforme a economia, pois está ligada diretamente com o desenvolvimento da mesma. Também esses indicadores mostram se a empresa está se utilizando mais de recursos de terceiros ou de recursos próprios.

A participação de capital de terceiros de forma exagerada perante ao capital próprio pode deixar a empresa vulnerável a qualquer momento de crise. Normalmente as empresas que decretam falência são as que apresentam alto índice de endividamento em relação ao patrimônio líquido. É recomendado ter a proporção

da dívida em maior parte no longo prazo para que a empresa consiga gerar recursos em tempo maior para saldar as dívidas.

Conforme Leites (2015, p.10) deve ser analisado alguns pontos na estrutura de endividamento,

Se a composição do endividamento apresentar significativa concentração no passivo circulante (curto prazo), a empresa poderá ter reais dificuldades num momento de reversão de mercado (o que não aconteceria se as dívidas estivessem concentradas a longo prazo). Na crise, ela terá poucas alternativas: vender seus estoques na base de uma “liquidação forçada” (a qualquer preço), assumir novas dívidas de curto prazo que, certamente, terão juros altos, o que aumentará as despesas financeiras.

Os empréstimos de longo prazo são menos onerosos que os de curto prazo, por isso, a empresa deve fazer uma análise detalhada do custo da dívida.

a) Endividamento total

O endividamento total demonstra a relação dos capitais de terceiros (passivo circulante (PC) mais passivo não circulante (PNC)) com o passivo total. Segue a fórmula:

$$ET = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo não Circulante}}{\text{Passivo Total (PC + PNC + PL)}}$$

Outro índice bastante utilizado é o grau de endividamento, o capital de terceiros é dividido pelo patrimônio líquido (PL). “O grau de endividamento também mostra uma relação de garantia, e evidencia qual é a proporção em que os proprietários estão financiando o negócio em relação ao capital de terceiros”. (PADOVEZE; MARTINS, 2014, p.267). Calculado pela seguinte fórmula:

$$GE = \frac{\text{Capital de terceiros}}{\text{Capital próprio}}$$

Quanto mais os proprietários investirem no próprio negócio, mais passaram confiança aos terceiros para assumem os riscos.

2.3.3 Indicadores de Rentabilidade

Os indicadores de rentabilidade demonstram uma análise mais econômica, evidenciando o quanto é rentável o capital investido e avalia o lucro sobre os aspectos operacionais de suas atividades. A rentabilidade também permite analisar os lucros sobre o nível de vendas, ativos e capital investido pelos sócios, pois uma empresa com indicadores baixo de rentabilidade não despertará interesse do mercado.

É importante avaliar se o lucro gerado pela empresa é capaz de gerar valor para suprir ao montante investido em seus ativos ou em seu patrimônio líquido ao longo do tempo. Segundo Bazzi (2016) fazer uma análise da lucratividade nos encaminha ao estudo da condição econômica da empresa, pois é por meio desse exame que podemos perceber a real utilização dos recursos financeiros em bens e ativos (ativo), em contrapartida a todas as obrigações da empresa (passivo). De acordo ainda Bazzi (2016), o resultado dessa relação é muito mais econômico que financeiro, pois se compara ao retorno (rentabilidade) do patrimônio líquido investido na empresa, demonstrando se as operações foram suficientes ou não.

Os índices calculados são a taxa de retorno sobre o investimento (TRI ou ROI) e a taxa de retorno sobre o patrimônio líquido (TRPL ou ROE).

a) Taxa de retorno sobre o investimento

O retorno sobre o investimento resulta na representação em relação ao ativo total da empresa e é considerado um dos mais importantes indicadores de análise das demonstrações contábeis. Segue a fórmula para o cálculo:

$$\text{TRI} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}}$$

Deve ser feito a análise dessa forma: quanto maior, melhor. E ele avalia os resultados da empresa com os recursos nela investidos pelos sócios e terceiros.

b) Taxa de retorno sobre o patrimônio líquido

Esse indicador representa o quanto a entidade conseguiu gerar de lucro líquido em relação ao capital dos sócios que foi investido. Segue a fórmula para o cálculo:

$$\text{TRPL} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

O indicador mostra quanto a empresa gerou de lucro, a cada real investido do capital dos sócios.

2.3.4 Indicadores de Atividade

A análise da atividade é importante para os gestores acompanharem os resultados e a qualquer imprevisto poder tomar alguma decisão antecipadamente. Com esse indicador a empresa também poderá avaliar o desempenho da atividade operacional e acompanhar as informações das variáveis que compõem a atividade. As variáveis que são analisadas são as políticas de compras, políticas de vendas e estratégias de gestão financeira de curto prazo.

a) Ciclo operacional

O ciclo operacional de uma empresa é composto pelo Prazo Médio de Renovação dos Estoques (PMRE), Prazo Médio de Recebimento de Vendas (PMRV) e pelo Prazo Médio de Pagamento de Compras (PMPC). Numa indústria isso vai desde a compra da matéria-prima até o recebimento efetivo da venda. É importante que as mercadorias sejam vendidas no menor tempo possível e recebido em menor tempo no caixa também, pois conseqüentemente a necessidade de capital de giro será menor. Quanto mais tempo demorar esse ciclo, mais chances a empresa terá de necessitar de capital de giro, para cumprir com as obrigações. Segue as fórmulas para cálculo:

$$\text{PMRE} = \frac{360 \times \text{Estoque}}{\text{Custo das vendas}}$$

$$\text{PMRV} = \frac{360 \times \text{Duplicatas a receber}}{\text{Vendas brutas}}$$

$$\text{PMPC} = \frac{360 \times \text{Fornecedores}}{\text{Compras}}$$

$$\text{CO} = \text{CE} + \text{PMRV}$$

É recomendado para as empresas que o ideal seria em que a soma do Prazo Médio de Renovação de Estoques (PMRE) com o Prazo de Recebimento de Vendas (PMRV) fosse igual ou inferior a Prazo Médio de Pagamento de Compras (PMPC).

b) Ciclo econômico

O ciclo econômico é o tempo em que a mercadoria ficou em poder da empresa. Isso representa desde a compra da matéria-prima, no caso de uma indústria, ou de uma mercadoria, no caso de revenda, até o momento de sua venda. O ciclo econômico representa o prazo médio de renovação do estoque, ou seja, é o tempo de giro do estoque.

CE = PMRE (Prazo Médio de Renovação de Estoques)

c) Ciclo Financeiro

O ciclo financeiro é o período da saída do dinheiro em caixa para o pagamento da compra até a entrada do dinheiro pelo recebimento da venda. Esse ciclo é considerado o ciclo operacional menos o prazo médio de pagamento de compras. Com essa análise a empresa pode verificar se vai precisar de capital de giro ou não.

“Quanto menor for o ciclo financeiro da empresa, menor será o risco de ela ter de recorrer a empréstimo e arcar com o pagamento de juros”. (LUZ, 2014, p. 87)

O ciclo financeiro poder ser representado da seguinte forma:

CF = CICLO OPERACIONAL – PRAZO MÉDIO DE PAGAMENTO DE COMPRAS

Uma estratégia de diminuir os riscos de adquirir empréstimos é vender rapidamente os estoques e também receber em menor tempo possível dos clientes.

2.4 ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO

2.4.1 Conceito e estrutura do capital de giro

O capital de giro é o capital necessário para financiar as operações de uma empresa, ou seja, está relacionado com todas as contas que giram e movimentam diariamente uma empresa. “O capital de giro é o montante de recursos necessário à manutenção das atividades operacionais da empresa, enquanto não ocorre o recebimento das vendas”. (LEITES,2015, p.23)

Segundo Padoveze e Benedicto (2011, p.259) “a terminologia capital de giro vem da visão circular do processo operacional de geração de lucros, ou seja: comprar estoques, produzir, vender e receber, voltar a comprar estoques, produzir e vender/receber”. De acordo ainda, Padoveze e Benedicto (2011) o capital de giro é constituído fundamentalmente pelo equilíbrio financeiro,

O capital de giro constitui-se no fundamento básico da avaliação do equilíbrio financeiro de uma empresa. Pela análise de seus elementos patrimoniais são identificados os prazos operacionais, o volume de recursos permanentes (longo prazo) que se encontra financiando o giro e as necessidades de investimento operacional. O comportamento do capital de giro é extremamente dinâmico, exigindo modelos eficientes e rápidos de avaliação da situação financeira da empresa. Uma necessidade de investimento em giro mal dimensionada é certamente uma fonte de comprometimento da solvência da empresa, com reflexos sobre sua posição econômica de rentabilidade. (PADOVEZE; BENEDICTO, 2011, p. 259)

Conforme Hoji (2012, apud LUZ, 2014, p.88), “o capital de giro é conhecido também como o capital circulante e corresponde aos recursos aplicados em ativos

circulantes, que se transformam constantemente dentro do ciclo operacional”. Fazer uma análise do capital de giro é necessário para a gestão financeira, dessa forma é possível prevenir e garantir que a empresa seja capaz de honrar seus compromissos.

2.4.2 Análise do capital de giro

Uma gestão financeira cuidadosa que prioriza o capital de giro é fundamental para conservação da solvência da empresa. A gestão do capital de giro envolve as contas do ativo circulante e do passivo circulante e tem como objetivo verificar se essas contas da empresa tem um nível aceitável de capital circulante líquido.

As formas de calcular o Capital Circulante Líquido (CCL) que também é chamado de Capital de Giro Líquido (CGL), é representado pela diferença do ativo circulante menos o passivo circulante e isso representa a sobra financeira da empresa. Essa sobra demonstra se todo o ativo circulante fosse convertido em dinheiro e todo o passivo circulante liquidado. Quando o Capital Circulante Líquido (CCL) é positivo significa que parte do ativo circulante não está comprometida com o pagamento do passivo circulante. Quando o Capital Circulante Líquido é nulo, isso demonstra que o ativo circulante está sendo todo financiado pelo passivo circulante, não existindo nenhuma folga financeira. Já quando o CCL é negativo, mostra que a situação é desfavorável e que a empresa não está conseguindo financiar seus recursos e cumprir as obrigações de curto prazo.

Geralmente quando o Capital Circulante Líquido tem resultado negativo, é que os recursos de curto prazo estão financiando recursos de longo prazo e isso gera problemas com a liquidez.

Segundo Luz (2014, p.90),

[...] a diferença entre o ativo circulante operacional e o passivo circulante operacional, que é a NCG (Necessidade de Capital de Giro), é determinada fundamentalmente pelo nível das atividades operacionais da empresa e pelos prazos médios de estocagem, de recebimento de duplicatas e de pagamento de fornecedores e, é claro, pelos demais passivos operacionais (salários a pagar, tributos a recolher e demais contas a pagar).

É importante ressaltar que o volume de operações (compras, produção e vendas) determina os recursos aplicados nos estoques, e isso também resulta no tempo de produção e no prazo médio de vendas.

Quando os recursos próprios (via patrimônio líquido) são maiores que as aplicações de recursos do ativo não circulante, pode-se afirmar que a empresa se apresenta com capital de giro próprio para financiar outras aplicações, aumentando a folga financeira”. (LUZ, 2014, p.90)

É recomendado que as aplicações em recursos de longo prazo sejam financiadas pelo capital dos sócios, via capitalização dos lucros ou por empréstimos de com prazo de resgate longo.

Quando os recursos obtidos em via de longo prazo são maiores que as aplicações de longo prazo a diferença financia as aplicações de curto prazo. Isso possibilita a empresa a ter um excedente de recursos para aumentar prazos a clientes e conseqüentemente aumentar seu faturamento.

Portando, a necessidade de capital de giro é a diferença entre os investimentos em ativos circulantes operacionais e as fontes de recursos operacionais que serão utilizadas para financiar a empresa. Outra análise que pode ser feita é o saldo de tesouraria que é calculado pela diferença do Capital Circulante Líquido (CCL) menos a Necessidade de Capital de Giro (NCG).

a) Saldo de Tesouraria (Efeito Tesoura)

Quando a empresa tem um capital de giro que não é suficiente para atender a necessidade de capital de giro, a entidade terá que buscar fontes de recursos de curto prazo para dar continuidade nas suas atividades. Para verificar se a empresa está nessa situação, se analisa o saldo de tesouraria. A tesouraria representa o saldo líquido existente entre as disponibilidades e os passivos circulantes financeiros.

Conforme Luz (2014, p.92) “quando esse valor é positivo, a empresa poderia pagar as parcelas de curto prazos dessas dívidas bancárias sem a necessidade da geração futura de caixa, pois o que possui em disponibilidades é suficiente”.

O efeito tesoura é a situação em que uma empresa financia a maior parte de sua expansão de investimento por meio de empréstimos bancários de curto prazo para aumentar seu passivo circulante. Portanto, isso faz com que exista uma

distância entre o capital de giro próprio e a necessidade de capital de giro. De acordo com Nascimento (2014, p.68) “o efeito tesoura é representado pelo aumento da NCG em relação ao seu CGL”. As principais razões que levam uma empresa ao efeito tesoura são o crescimento das vendas de um crescimento real, endividamento, imobilização excessiva, prejuízos acumulados constantemente, crescimento do ciclo financeiro em ritmo acelerado e altas taxas de juros.

Portanto, é de extrema importância fazer essas análises sobre o capital de giro nas organizações. Segundo Chiavenato (2014, p.63) “nas empresas industriais, por exemplo, os ativos circulantes representam praticamente a metade do ativo total e os passivos circulantes montam 1/3 do faturamento, razão pela qual a gestão do capital de giro é uma das áreas mais importantes e conhecidas da gestão financeira”.

2.5 FLUXO DE CAIXA

2.5.1 Conceito de fluxo de Caixa

Fluxo de caixa são entradas e saídas de caixa e seus equivalentes, o fluxo de caixa avalia a capacidade da empresa em gerar caixa, as necessidades de liquidez e possibilita aos usuários verificar o valor presente e do valor futuro. A Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) representa o caixa efetivo da empresa, o saldo das contas correntes em bancos e seus equivalentes de caixa. Todas essas informações são evidenciadas no Balanço Patrimonial, no ativo circulante na conta Disponibilidades.

Um dos objetivos principais do fluxo de caixa é identificar as fontes de geração de entrada de caixa na empresa, demonstrando quais itens consumiram o dinheiro do caixa em determinado período. Com a demonstração do fluxo de caixa pode-se avaliar alternativas de investimento, ter controle das decisões financeiras, certificar de que as sobras de caixa são aplicadas corretamente, verificar as diferenças entre lucro e seus recebimentos e pagamentos e medir a geração de caixas das atividades operacionais, investimentos e financiamentos da empresa ao longo do período contábil.

O relatório de Demonstração de Fluxo de Caixa é obrigatório conforme a Lei n.11638/2007 e o Conselho Federal de Contabilidade (2010) regulou a

demonstração pela Resolução n. 1.296/2010 justificando a sua utilidade. As informações do fluxo de caixa são úteis para os usuários internos e externos da empresa e muitas decisões podem ser tomadas a partir dessa avaliação.

Segundo Assaf Neto (2015, p.104) a demonstração do fluxo de caixa permite a análise a seguir,

A DFC permite que se analise, principalmente, a capacidade financeira da empresa honrar seus compromissos perante terceiros (empréstimos e financiamentos) e acionistas (dividendos), a geração de resultados de caixa futuros e das operações atuais, e a posição de liquidez e solvência financeira. O demonstrativo oferece ainda ao analista informações sobre os fluxos de pagamentos e recebimentos ocorridos no período, e as influências dessas operações sobre caixa de empresa.

O relatório evidencia as mudanças na estrutura de ativos líquidos da empresa e sobre a capacidade de geração de caixa líquido. “A perspectiva de geração de caixa futuro também é uma vantagem no uso do relatório, bem como a possibilidade de analisar a relação entre lucratividade e geração de caixa”. (LUZ,2014, p.18)

A demonstração do fluxo de caixa evidencia três fluxos financeiros, das operações, dos investimentos e dos financiamentos.

a) Atividades operacionais

As atividades operacionais são aquelas praticadas diariamente pela empresa e que basicamente estão registradas na Demonstração de Resultado do Exercício (DRE). São elas:

Entradas de caixa: recebimentos de vendas à vista e a prazo, recebimentos de receitas financeiras referente aplicação, dividendos de participação acionária em outras empresas, outros recebimentos como indenizações de seguros, sentenças judiciais favoráveis, etc.

Saídas de Caixa: pagamentos a fornecedores a vista e a prazo, pagamento de impostos, contribuições e taxas, pagamento de encargos financeiros de empréstimos e financiamentos, etc.

b) Atividades de Investimentos

As atividades de investimentos são as variações nos ativos não circulantes, destinados a atividade operacional de produção e venda. Com essa análise verifica-

se onde a empresa está investindo seu dinheiro e se o investimento está acima da capacidade de gerar caixa ou de terceiros.

Entradas de Caixa: recebimento pela venda de títulos de aplicação de longo prazo (investimentos) e participação acionária, de imobilizados, etc.

Saída de Caixa: aquisições de títulos de longo prazo para investimentos, desembolsos para participação acionária em outras companhias, compras à vista de bens imobilizados, etc.

c) Atividades de Financiamentos

As atividades de financiamentos estão ligadas diretamente com as operações com credores e investidores. As avaliações dessas atividades de financiamentos apresentam a fonte de investimento utilizado pela empresa e isso vai mostrar se a empresa está endividada além de sua capacidade de gerar caixa.

Entradas de Caixa: captações no mercado através de emissão de títulos de dívida, integralização de ações emitidas, etc.

Saída de Caixa: pagamentos de dividendos e juros sobre capital próprio aos acionistas, amortizações de empréstimos e financiamentos, etc.

A utilização do fluxo de caixa como instrumento de gestão é muito bem recomendada, tanto para momentos difíceis quanto para os bons. Muitas vezes as empresas só se preocupam com o enfoque econômico dos resultados, “[...], entretanto, nos casos limites, nas crises, na fase terminal, o resultado importante é o financeiro, o caixa disponível ou a ser disponível em dado horizonte de tempo”. (FREZATTI, 2014, p.5).

O resultado econômico e o financeiro interagem fortemente, segundo ainda Frezatti (2014, p. 5) “o resultado econômico identificado pelo lucro, através da demonstração de resultados, é mais abrangente do que o fluxo de caixa ao captar e explicitar informações relevantes pelo regime de competência no que se refere a risco e contingenciamento; contudo, sem gestão integrada do econômico com o financeiro, a organização perde a oportunidade de otimização de resultados”.

A demonstração de fluxo de caixa pode ser elaborada por dois métodos, o método direto e o método indireto. As informações coletadas para a elaboração são

retiradas do balanço patrimonial, demonstração de resultado e além de outras informações das operações da empresa.

2.5.2 Fluxo de Caixa: Método Direto

A Demonstração de Fluxo de Caixa elaborada pelo método direto demonstra os recebimentos e os pagamentos conforme as atividades operacionais. O método direto é muito mais simples, pois são classificadas todas as entradas e todas as saídas tendo como base o saldo das movimentações. Segue um modelo de fluxo de caixa pelo método direto:

Tabela 1 - Demonstração de Fluxo de Caixa Método Direto

Demonstração do Fluxo de Caixa - Método Direto	2013
Fluxo de caixas das atividades operacionais	
Recebimento de clientes	30.150
Pagamento de fornecedores e empregados	-27.600
Juros pagos	-270
Imposto e contribuição social pagos	-800
Imposto renda sobre dividendos recebidos	-100
Caixa líquido gerado pelas atividades operacionais	1.380
Fluxo de caixa das atividades de investimentos	
Aquisição da controlada X	-550
Compra de ativo imobilizado	-350
Recebimento pela venda de equipamento	20
Juros recebidos	200
Dividendos recebidos	200
Caixa líquido gerado pelas atividades de investimentos	-480
Fluxo de caixa das atividades de financiamento	
Recebimentos pela emissão de ações	250
Recebimentos por empréstimo a longo prazo	250
Pagamento de passivo por arredondamento	-90
Dividendos pagos	-1.200
Caixa líquido gerado pelas atividades de financiamentos	110
Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa	110
Caixa e equivalentes de caixa no início do período	120
Caixa e equivalentes de caixa no fim do período	230

Fonte: Comitê Pronunciamentos Contábeis (2014)

As informações de caixa e equivalentes de caixa inicial e final estão informadas no Balanço Patrimonial e os valores iniciais e finais devem fechar com o aumento ou redução gerado pelo caixa.

2.5.3 Fluxo de Caixa: Método Indireto

A Demonstração de Fluxo de Caixa elaborada pelo método indireto é o mais utilizado pelas empresas e obrigatório a publicação para grandes companhias. Esse método parte do lucro líquido do exercício para conciliar com o caixa gerado pelas operações. A informação do lucro ou prejuízo são extraídos da Demonstração de Resultado do Exercício. Segue um modelo do fluxo de caixa pelo método indireto:

Tabela 2 - Demonstração de Fluxo de Caixa Método Indireto

Demonstração do Fluxo de Caixa- Método Indireto	2013
Lucro Líquido	3.350
Ajustes - Despesas e receitas que não afetam o caixa	390
	3.740
Aumentos nas contas a receber de clientes e outros	-500
Diminuição nos estoques	1.050
Diminuição nas contas a pagar de fornecedores	-1.740
Caixa gerado pelas operações	2.550
Juros pagos	-270
Imposto de renda e contribuição social pagos	-800
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos	-100
Caixa líquido gerado pelas atividades operacionais	1.380
Fluxo de caixa das atividades de investimentos	
Aquisição da controlada X	-550
Compra de imobilizado	-350
Recebimento pela venda de equipamento	20
Juros recebidos	200
Dividendos recebidos	200
Caixa líquido consumido pelas atividades de investimentos	-480
Fluxo de caixa das atividades de financiamento	
Recebimentos pela emissão de ações	250
Recebimentos por empréstimos a longo prazo	250
Pagamento de passivo por arredondamento	-90
Dividendos pagos	-1.200
Caixa líquido consumido pelas atividades de financiamento	-790
Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa	110
Caixa e equivalentes de caixa no início do período	120
Caixa e equivalentes de caixa no fim do período	230

Fonte: Comitê de Pronunciamentos Contábeis (2014)

No método indireto também os saldos dos valores iniciais e finais da conta caixa e equivalentes de caixa devem fechar com o aumento ou a redução gerada. Se remove do lucro líquido as alocações ao período do consumo de ativos não circulantes e aqueles itens cujos efeitos no caixa sejam classificados como atividades de investimento ou financiamento: depreciação, amortização de intangível e ganhos e perdas na venda de imobilizado ou operações de descontinuidade e ganhos e perdas na baixa de empréstimos.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

De acordo com Migueles (2004, p.89) metodologia de pesquisa é “um conjunto de métodos e de procedimentos de pesquisa que tem por objetivo coletar, sistematizar e organizar dados de forma válida e consistente, de modo a servir de base para interpretação científica destes”.

Este trabalho quanto aos procedimentos técnicos trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde será feito um levantamento dos assuntos relacionados ao tema, buscando em diversos meios como livros, artigos científicos e sites da internet, expor os aspectos sobre a crise econômica brasileira a partir de 2014 e identificar os impactos do efeito da mesma nos resultados financeiros de uma empresa do setor metalmeccânico da Serra Gaúcha. A pesquisa bibliográfica consiste em reunir informações através de referências teóricas e essas serviram como base para a construção da investigação do tema.

Ainda quanto aos procedimentos técnicos será elaborado através de um estudo de caso da empresa, um levantamento dos resultados antes do período de crise econômica e como foi o comportamento desses resultados durante esse processo de crise e como está até os dias atuais. O estudo de caso é um método qualitativo que consiste aprofundar em uma unidade individual. Tem por objetivo explorar situações da realidade preservando o caráter do objeto estudado, descrevendo a situação no contexto em que foi feita a investigação e explicando as causas de determinados fenômenos em situações complexas. (FONSECA,2012)

Quanto aos objetivos da pesquisa será realizada uma análise dos impactos da crise econômica nos resultados financeiros de uma empresa, evidenciando quais os fatores mais prejudicados e as estratégias utilizadas. Fazer uma análise se baseia em um estudo detalhado sobre determinado tema, entendendo o conteúdo e interpretando as informações do material estudado.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

- Análise dos dados levantados utilizando o embasamento teórico, alinhado ao objetivo e a questão de pesquisa.

- Serão analisados os demonstrativos contábeis referente aos períodos antes crise e no contexto atual da crise.

- O estudo será realizado através de médias dos indicadores no período antes da crise (2012 e 2013) e no contexto da crise (2014 a 2017).

- Serão apresentados os indicadores com as médias nos períodos acima descritos.

- Tabulação dos resultados utilizando Excel, gráficos ou tabelas.

4 ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA SETOR METALMECÂNICO

O objetivo deste estudo será uma empresa que está inserida no setor metalmeccânico na serra gaúcha. Esse setor é um grande polo na região que muitas empresas fazem parte, onde se concentra grandes empresas conhecidas nacionalmente.

4.1 SETOR METALMECÂNICO

O significado de metalmeccânico é o segmento responsável pela transformação dos metais em produtos de bens e até serviços, incluindo máquinas, equipamentos, veículos e materiais de transporte. O conjunto metalmeccânico tem como base a indústria siderúrgica, é constituído por setores de atividades econômicas que utiliza conhecimentos e técnicas para transformar metais e seus derivados em artefatos, como aço e as ligas metálicas.

As atividades fins desse setor vão para as indústrias automobilísticas, a fabricação de máquinas e equipamentos e também para outros setores produtivos da economia. O setor de máquinas e equipamentos atinge a fabricação de componentes mecânicos, partes e peças, para as atividades industriais, extração mineral, agrícolas, construção, transporte e elevação de cargas e pessoas, para ventilação, refrigeração, instalações térmicas e outras semelhantes.

Esse setor engloba um diversificado ramo industrial, que desenvolve muitas regiões do Estado do Rio grande do Sul. Dentre elas são a região da serra gaúcha, onde se concentra em Caxias do Sul a maioria das empresas, a região metropolitana de Porto Alegre e a região do norte do estado.

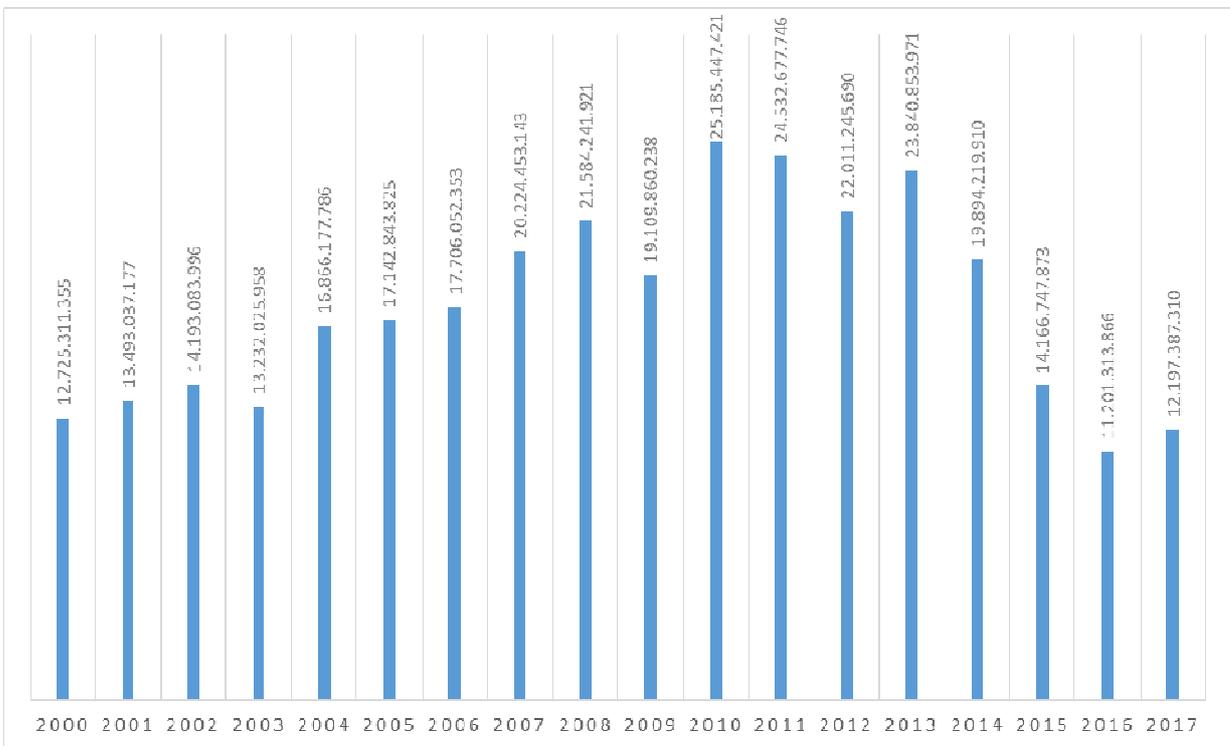
A importância desse setor para a economia do estado é fundamental, pois tem grande representatividade e trouxe grande desenvolvimento para a região nos seus primórdios.

Nos últimos anos esse setor sofreu muito com a crise econômica e seus indicadores econômicos despencaram. Devido a isso muitas empresas do ramo metalmeccânico precisaram tomar decisões que ajudassem a manter suas finanças em equilíbrio.

Segundo informativo do SIMECS de fevereiro de 2018, foi feito uma análise do faturamento em série histórica temporal, em valores já deflacionados, mostrando

o tamanho da queda nas receitas da indústria caxiense desde 2000. Foi observado que o ano de 2017 teve o pior desempenho em termos de receitas do que o alcançado em 17 anos. A queda ainda torna mais expressiva quando é analisado o faturamento tendo como base a médias das receitas anuais do período 2010-2013, de R\$ 24 bilhões. Nesse quesito, vemos um recuo para R\$ 19,9 bilhões em 2014 (-17,1%), R\$ 14,1 bilhões em 2015 (-41,2%), R\$ 11,2 bilhões em 2016 (-53,3%) e 12,2 bilhões em 2017 (49,16%). Ou seja, o faturamento da indústria, em 2017, foi praticamente 50% menor do que a média observada em anos de produção normal.

Figura 1 - Faturamento de Série Histórica (2000 - 2017)



Fonte: SIMECS

4.1.1 A Empresa

O estudo de caso refere-se a empresa KGA Indústria e Comércio Ltda, que está situada em Caxias do Sul no Rio Grande do Sul. Foi fundada em 14 de junho 2002, completando 16 anos no mercado. A empresa surgiu a partir do estudo analisando novos mercados e percebendo a expansão do mercado brasileiro. Em 2002, uma empresa da Argentina, identificou a carência de empresas que

desenvolvessem a fabricação de máquinas para corte térmico e procurou um parceiro para investir na abertura de uma unidade industrial. Até aquele momento a empresa só atuava na atividade comercial na revenda de consumíveis e peças para o seguimento de corte plasma.

A empresa é de natureza jurídica empresarial limitada, é composta por sócios argentinos, mas a administração é exclusiva do sócio brasileiro. A partir daquele momento o filho do sócio brasileiro passou a desenvolver as máquinas de corte e a primeira máquina foi vendida em 2006.

4.1.2 Mercado de atuação

Sua principal atividade é o desenvolvimento e fabricação de equipamentos CNC de alta definição para corte térmico, oferecendo as melhores soluções para esses processos. A KGA Indústria e Comércio Ltda possuem mais de um modelo de máquina e a equipe comercial é responsável por analisar a necessidade do cliente. Entre os modelos estão a Absoluta, DynaCord, LineaCord e MegaCord, que são projetadas para corte mais pesado até para segmentos que precisam de uma estrutura mais robusta e de alta qualidade. Também presta serviços de assistência técnica como manutenções corretivas, preventivas, retrofits e adequações em máquinas próprias e de concorrentes.

A empresa também é distribuidora autorizada da Hypertherm, líder mundial no segmento plasma, oferecendo toda a linha de fontes manuais e mecanizadas para corte, peças para manutenção e consumíveis originais. Sendo seu principal fornecedor a empresa possui uma dependência significativa e isso acarreta um pouco de dificuldades para negociações e algumas exigências.

Quanto a seus clientes, a KGA possui clientes de diversos segmentos, entre eles indústrias metalúrgicas, indústrias de estruturas metálicas, de implementos agrícolas entre outros. São considerados como principais clientes aqueles que possuem máquinas fabricada pela empresa e que fazem compras regularmente dos consumíveis, efetuam as manutenções preventivas para garantir um bom desempenho evitando problemas para a produção.

O faturamento de máquinas tem grande representatividade, mas a revenda não fica para atrás, em seguida a prestação de serviço. No período que antecedia a crise as máquinas tinham maior representativa no faturamento, em tempos de baixa

da economia a empresa só se manteve na revenda. Segue tabela demonstrando o percentual de faturamento de cada atividade da empresa no período de 2012 a 2017.

Tabela 3 - % de Faturamento

% Faturamento	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Venda de Máquinas	53%	43%	57%	39%	6%	10%
Revenda	46%	56%	42%	59%	92%	87%
Prestação de Serviço	1%	1%	1%	2%	2%	3%

4.1.3 Estrutura da empresa

Atualmente a empresa possui 23 colaboradores que estão divididos entre os setores administrativo, comercial, assistência técnica e produção. A produção da empresa está dividida em setor de corte e solda, montagem, engenharia, PCP e almoxarifado.

Muitos processos da produção são terceirizados, sendo industrializados por empresas parceiras. A montagem dos produtos é completamente efetuada pelo setor de montagem e alguns processos de corte e solda são feitos dentro da produção. A engenharia é responsável pelo desenvolvimento das máquinas e auxilia o setor de montagem na produção. O responsável por PCP/compras realiza toda a programação de compras da empresa e controla as ordens de produção verificando a necessidade do estoque. O almoxarifado é controlado e dividido por estoque de revenda, estoque principal e estoque da assistência técnica.

A empresa possui um setor de assistência técnica especializado e responsável pela manutenção das máquinas, atendimento ao cliente e treinamentos. Esse atendimento ao cliente pode ser feito através de telefone ou visita do técnico na sede do cliente.

O setor administrativo é composto pelas áreas financeira, de faturamento, fiscal, contabilidade e de pessoal. A contabilidade e o departamento pessoal são terceirizados por uma única empresa especializada, que faz toda a verificação dos dados contábeis para os fechamentos dos demonstrativos. O setor administrativo é responsável em passar as informações a contabilidade e ao departamento pessoal para a elaboração das atividades necessárias.

O setor comercial está dividido em vendas internas, externas e representação. As vendas internas fazem o atendimento ao cliente por telefone ou e-mail efetuando orçamentos e cadastrando pedidos no sistema. Todo o contato com o cliente é registrado no CRM para que o atendimento seja personalizado, verificando a necessidade do cliente.

As vendas externas são dedicadas a vendas e orçamentos de máquinas e prospecção de clientes. As vendas representação são os representantes comerciais que a empresa tem parceria, atendendo regiões mais afastadas para contato e fidelização do cliente.

4.2 IMPACTOS DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA NOS RESULTADOS ECONÔMICO-FINANCEIROS DA EMPRESA CASO

Neste tópico analisaremos os principais indicadores financeiros da empresa a partir dos resultados apresentados em suas demonstrações contábeis de Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado do Exercício.

4.2.1 Análise dos Indicadores Financeiros

Os indicadores financeiros apresentados serão quanto a liquidez, endividamento, atividade, rentabilidade e fluxo de caixa da empresa analisada. Foram calculados esses indicadores a partir dos resultados da empresa de 2012 a 2017.

Liquidez

Quanto a liquidez os resultados apurados foram os seguintes:

Tabela 4 - Indicadores de Liquidez

	2012	2013	Média antes Crise	2014	2015	2016	2017	Média Período de Crise
LI	0,2185	0,3741	0,2888	0,1756	0,0628	0,0514	0,0955	0,0941
LC	1,6731	2,3032	1,9578	3,2345	1,9255	2,1263	2,2161	1,9148
LG	1,8188	1,7177	1,7622	1,9628	2,2329	2,1291	2,6564	2,1842
LS	0,8161	0,8167	0,8163	1,2145	0,4526	0,6070	0,9045	0,7636

A liquidez imediata (LI), apresentou uma média antes da crise de R\$ 0,29, enquanto no período de crise a mesma decaiu para R\$ 0,09. Esse indicador teve uma diminuição de R\$ 0,20, ou seja, a empresa tinha menos valores disponíveis de forma imediata para pagamentos das obrigações de curto prazo. A conta que mais teve alteração em disponibilidades foi a de aplicações financeiras que antes da crise girava em torno de 1.000.000,00 e durante o período de crise essas aplicações não chegaram a 270.000,00. Dentro do passivo circulante a conta que sofreu modificações significativas foi a de fornecedores que entre 2012 e 2013 tinha saldos em média de 1.300.000,00 enquanto que no período de crise a média não passou dos 515.000,00, o que demonstra que a empresa reduziu mais da metade suas obrigações com fornecedores, tomando cuidado com as compras.

A tabela nos apresenta que a liquidez corrente (LC) teve uma pequena diminuição, em seu período de crise. Analisando o contexto antes crise a empresa tinha o resultado de R\$ 1,96 de liquidez corrente. No período de 2014 a 2017, a média calculada foi de R\$ 1,91, apresentando uma diminuição de R\$ 0,05. Verificando os dois períodos, antes e durante a crise, vemos que houve uma pequena diminuição tanto dos ativos e passivos. As conta que mais teve alterações foi a conta de disponibilidades que antes da crise tinha uma média de R\$ 1.135.000,00, enquanto na crise a média não ultrapassou de R\$ 200.676,00 no ativo circulante. A conta de clientes e estoque também sofreram alterações para menos, mas não tão significativas. Para o passivo circulante as contas que mais tiveram mudanças foi a conta de fornecedores que antes da crise tinha uma média de R\$ 1.321.679,05 para R\$ 514.822, 51 durante a crise e a conta de adiantamento de clientes que antes tinha média R\$ 715.100,12 passando para R\$ 245.482,20 na crise.

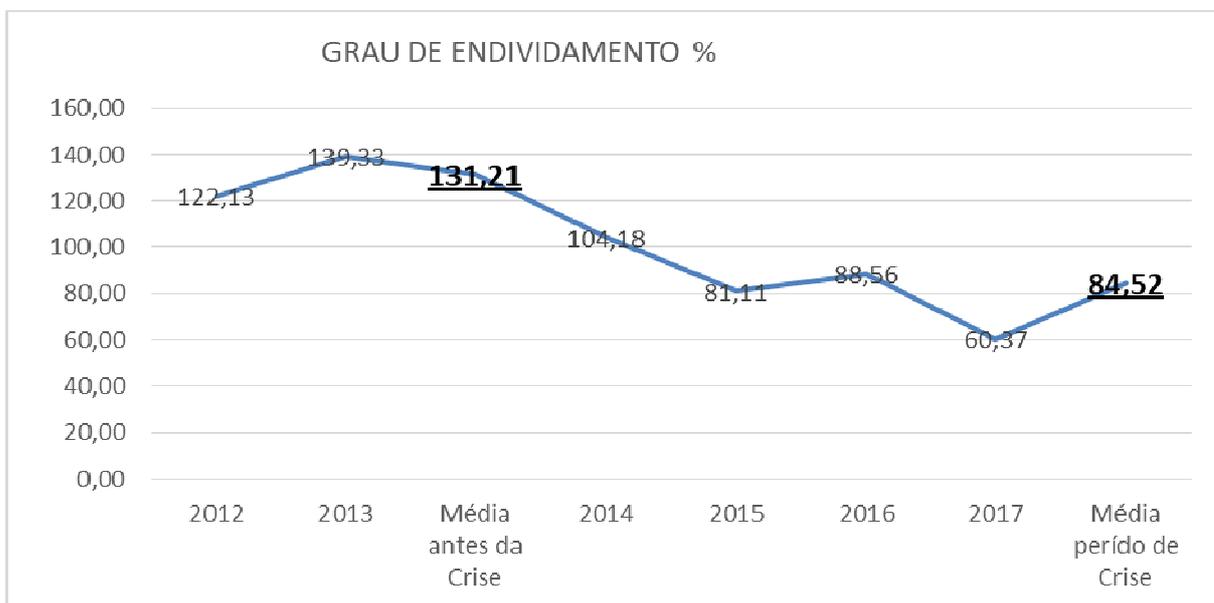
Quanto a liquidez geral (LG) a empresa indicou uma média antes da crise de R\$ 1,76, enquanto a média calculada no período de recuo da economia foi de R\$ 2,18. Esse indicador teve um aumento para o período de crise, isso se deve pois a empresa diminuiu suas obrigações, pagando dívidas contraídas e renegociando com os bancos prazos mais estendidos.

A liquidez seca (LS) não teve grandes mudanças entre o período antes crise e durante a crise, entre 2012 e 2013 foi de 0,81 para 0,76 entre 2014 a 2017. Como podemos perceber esse indicador sempre foi menor que 1,00, o que nos indica que a empresa depende muito dos estoques para quitar as duas dívidas de curto prazo.

Endividamento

Quanto aos indicadores de endividamento da empresa podemos analisar através da tabela seguinte o grau de endividamento:

Figura 2 - Grau de Endividamento

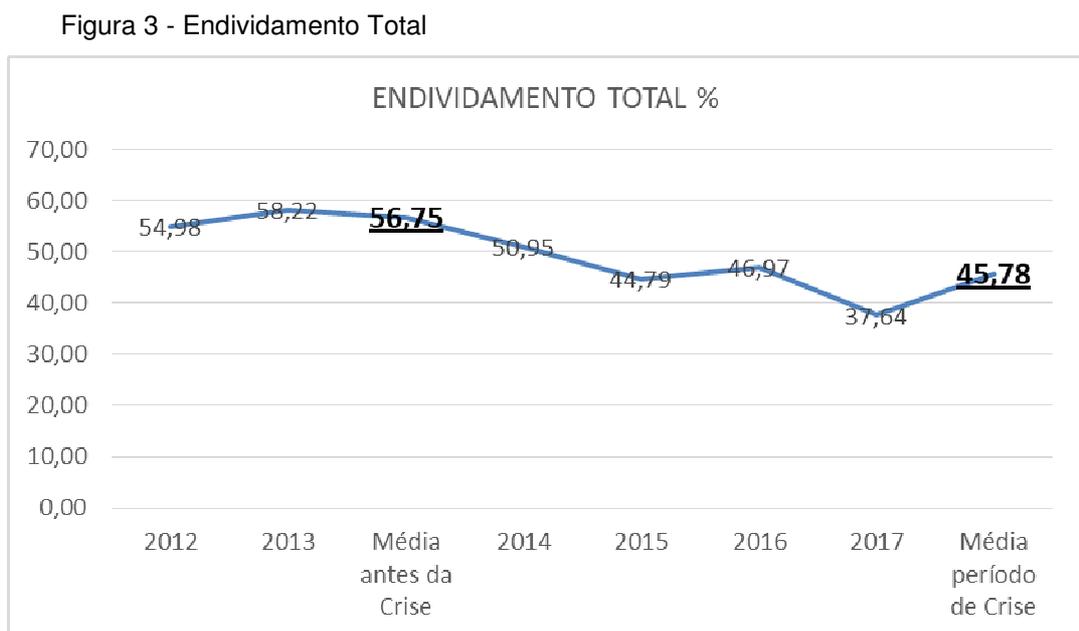


O grau de endividamento é medido pela divisão do capital de terceiros sobre o patrimônio líquido, nos indicando a proporção que os proprietários estão financiando o negócio em relação ao capital de terceiros. A análise que podemos fazer a partir do gráfico é que a média do grau de endividamento da empresa antes do recuo da economia era de 131,21%, ou seja, R\$ 1,31 que a empresa utilizava de recursos de terceiros para cada R\$ 1,00 do seu capital próprio.

A média do grau de endividamento no período de crise caiu para 84,52% ou R\$ 0,84, o que demonstra o valor que a empresa utiliza de recursos de terceiros para cada R\$ 1,00 de capital próprio. Esse indicador quanto menor, melhor, pois representa o risco ou dependência a terceiros por parte da empresa. No caso da empresa em análise podemos verificar que antes da crise o seu risco de endividamento era maior, pois a empresa tinha valores de financiamentos e empréstimos elevados. No entanto esse risco não deve ser analisado isoladamente, pois nesse período a empresa estava investindo em um produto novo e estava em expansão. Para a empresa pode ocorrer que o endividamento, poderá lhe permitir um melhor ganho, e é claro que esse risco acaba se tornando maior.

Analisando o período de crise que começou a partir de 2014 para a empresa, verificou-se que a mesma estava com o grau de endividamento de 104,18%, sendo R\$ 1,04 de recursos de terceiros sobre o seu patrimônio líquido. Foi nesse ano que a empresa começou a diminuir seu quadro de funcionários perto do final do exercício, pois a gerência já havia percebido que não teria mais recursos para manter toda estrutura. Tanto que o grau de endividamento dos próximos três anos caíram para abaixo 100%, demonstrando que a entidade tomou providências para reduzir o grau de endividamento se utilizando dos recursos que ela possuía em aplicações financeiras.

Os índices de endividamento total são os seguintes:

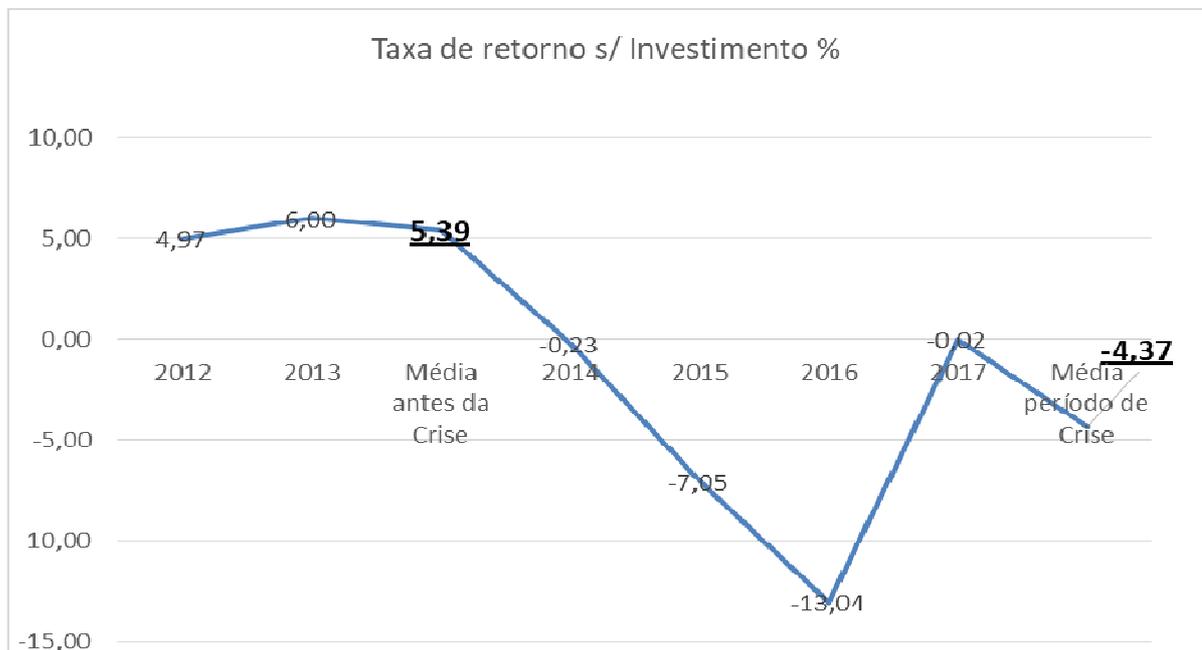


No gráfico de endividamento total, verificamos que a média antes de 2014 era de 56,75%, enquanto no período de crise a média foi de 45,78%. O endividamento total diminuiu no período de crise, demonstrando que a empresa foi pagando as suas dívidas, antes da crise ela precisou contrair empréstimos, mas no decorrer do tempo foi liquidando seus financiamentos e renegociando suas dívidas.

Rentabilidade

Os índices de rentabilidade têm um enfoque mais econômico, demonstrando o quanto é rentável o capital investido e avalia o lucro sobre o nível das atividades operacionais. Segue o gráfico de taxa de retorno sobre o investimento, demonstrando o decorrer de 2012 a 2017, fazendo uma média do período que antecede a crise e como se comportou a rentabilidade da empresa durante o período de crise econômica.

Figura 4 - Taxa de Retorno sobre o Investimento

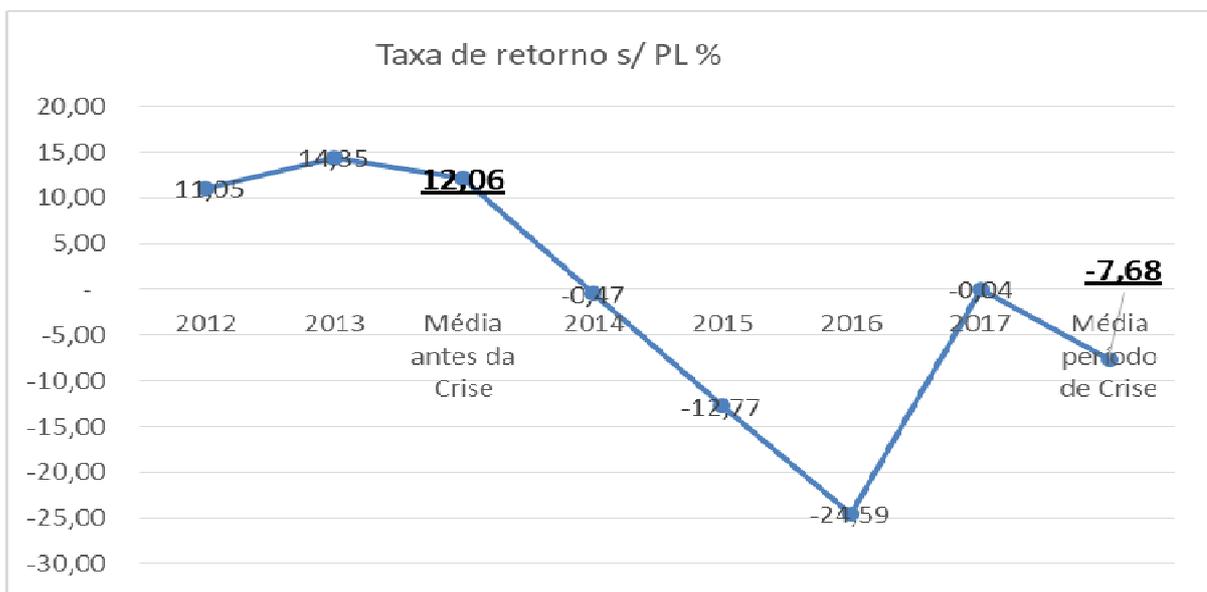


Analisando o período antes crise a média encontrada foi de 5,39% do retorno sobre o investimento, significando que a empresa estava obtendo retorno do investimento. Nos anos de 2012 e 2013 a empresa apresentou lucros nos respectivos valores R\$ 389.752,17 em 2012, R\$ 566.274,14 em 2013. Durante o período de crise a empresa já indicou resultados negativos, pois obteve prejuízos, a

média nesse contexto foi -4,37%. Em 2014 o resultado do ano foi um prejuízo – R\$ 18.611,77 e em 2016 teve o seu pior desempenho apresentando um saldo negativo de –R\$ 688.967,03, devido a esse fator que o índice ficou em – 13,04%. Já em 2017 a empresa quase conseguiu fechar com resultado positivo, mas ainda arcou com prejuízo de –R\$1.185,51. O ativo também acompanhou os resultados, sendo que antes da crise a empresa tinha em média um ativo de R\$ 8.063.451,25, enquanto no período de baixa da economia a média dos ativos era R\$ 6.834.329,44. A razão dessa queda, foi a redução de algumas contas do ativo, que foi a de caixa e equivalentes de caixa que foi a conta que sofreu mais alteração e depois os estoques e duplicatas a receber que apresentaram uma pequena redução. Contudo, no período de 2014 a 2017 a empresa não estava obtendo retorno sobre o seu investimento, devido aos prejuízos acumulados.

Podemos analisar através dos dados seguintes que a taxa de retorno sobre o patrimônio líquido também acompanhou os resultados analisados anteriormente:

Figura 5 - Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido



A média antes da crise foi uma taxa de 12,06% de retorno sobre o capital investido pelos sócios, apresentando um bom resultado. No período de 2014 a 2017, a média foi de -7,68%, demonstrando que a empresa não tinha lucratividade em suas atividades operacionais. Isso se deve ao volume de vendas e produção que caíram significativamente nesse período.

Atividade

Os indicadores de atividades serão analisados pelo prazo médio de renovação dos estoques, prazo médio de recebimento de vendas e pela prazo médio de pagamento. Segue os dados analisados entre 2012 a 2017, levando em consideração que trata-se de uma média ponderada.

Tabela 5 - Prazo de Renovação de Estoques

Prazo Médio de Renovação de Estoques	
ANO	DIAS
2012	150
2013	177
Média antes Crise	165
2014	131
2015	249
2016	218
2017	140
Média período de Crise	173

Verificando a tabela acima, o prazo médio de renovação dos estoques antes da crise era em média de 165 dias, ou seja, o tempo em que a mercadoria ficava em estoque na empresa. A média no período de crise aumentou para 173 dias. Analisando os anos de 2015 e 2016 as mercadorias estavam ficando muito tempo em estoque, isso pode ser em decorrência do faturamento que também teve queda em relação aos anos anteriores, porém a empresa não conseguiu reduzir o nível de estoque na mesma proporção da queda das vendas.

Na seguinte tabela estão evidenciados o tempo de recebimento de vendas pela organização:

Tabela 6 - Prazo de Recebimento de Vendas

Prazo Médio de Recebimento de Vendas	
ANO	DIAS
2012	54
2013	19
Média antes Crise	35
2014	35
2015	34
2016	50
2017	34
Média período de Crise	37

O prazo médio de recebimento de vendas antes da crise tinha o prazo de 35 dias, enquanto no período de 2014 a 2017 a média aumentou para 37 dias. Como podemos perceber não houve muitas mudanças entre o período que antecedia a crise para o contexto de crise. Isso demonstra que a empresa manteve seus prazos negociados com os clientes

Quanto ao prazo médio de pagamento, foi encontrado os seguintes dados:

Tabela 7 - Prazo Médio de Pagamento de Compras

Prazo Médio de Pagamento de Compras	
ANO	DIAS
2012	40
2013	117
Média antes Crise	71
2014	30
2015	74
2016	70
2017	42
Média período de Crise	45

Sobre o prazo médio de pagamento das compras, a média entre 2012 e 2013 foi de 71 dias, enquanto no período de crise foi de 45 dias. Fazendo uma observação sobre o prazo médio do ano de 2013, nesse ano a empresa comprou um componente para uma máquina que estava em desenvolvimento que custava caro e o prazo de pagamento do fornecedor foi estendido para muito fora da média. Não considerando essa compra, a média antes da crise seria de 53 dias para pagamento de fornecedores. Analisando os dados, verificou-se que a empresa diminuiu seu prazo de pagamento, significando que está pagando antes seus fornecedores.

O ciclo financeiro antes da crise tinha uma média de 129 dias, no período de crise econômica a média foi de 165 dias. Isso significa que antes da crise a empresa possuía mais capital de giro do que no período de recuo da economia. Através dessa análise podemos justificar os empréstimos que foram adquiridos nesse período.

4.2.2 Análise do Fluxo de Caixa

O fluxo de caixa da empresa foi analisado também através pré-crise e durante a crise, como eram os seus resultados em 2012 e 2013 e depois como ficaram no período entre 2014 a 2017.

Figura 6 - Fluxo de Caixa

Fluxo de Caixa	2012	2013	Pré-Crise	2014	2015	2016	2017	Durante Crise
(+) Receita Bruta	15.387.282	19.111.638	34.498.920	19.756.250	9.738.365	7.994.697	8.666.921	46.156.234
(-) Impostos	-3.728.952	-3.911.451	-7.640.403	-4.312.705	-1.820.598	-1.453.760	-1.479.778	-9.066.841
(=) Receita Líquida	11.658.330	15.200.187	26.858.517	15.443.545	7.917.767	6.540.938	7.187.143	37.089.393
(-) Custo das vendas e serviços	-8.858.833	-10.702.799	-19.561.631	-11.855.087	-5.828.223	-5.244.839	-5.266.554	-28.194.703
(-) Lucro Bruto	2.799.497	4.497.388	7.296.885	3.588.458	2.089.543	1.296.099	1.920.589	8.894.690
(-) Despesas Operacionais	-1.999.383	-3.266.345	-5.265.728	-3.418.571	-2.296.490	-1.688.223	-1.564.502	-8.967.786
(=) Lucro Operacional	800.114	1.231.044	2.031.158	169.887	-206.947	-392.124	356.088	-73.096
(-) Pagamento de IR/CSLL	-178.272	-266.807	-445.078	-12.069	0	0	-1.392	-13.461
(+/-) Investimento em Capital de Giro	-1.192.796	-164.708	-1.357.504	-799.354	1.044.125	595.334	869.147	1.709.251
(=) Fluxo de Caixa Operacional	-509.287	590.144	80.857	-641.536	837.178	203.210	1.223.842	1.622.694
(-) Investimentos Operacionais	-49.897	-323.264	-373.161	98.862	108.423	132.897	-803.319	-463.136
(-) Outros Investimentos	-23.467	8.285	-15.182	0	5.001	-100	0	4.901
(=) Fluxo de Caixa Após Investimentos - FCFE	-582.651	275.165	-307.486	-542.674	950.602	336.007	420.524	1.164.459
(+) Receitas Financeiras	206.638	78.328	284.966	68.868	110.011	25.309	35.050	239.239
(-) Despesas Financeiras	-438.728	-476.290	-915.019	-245.297	-348.161	-322.152	-390.931	-1.306.542
(-) Pagamento de Juros de Financiamentos	0	0	0	0	0	0	1.186	1.186
(++) Contratação/Amortização de Financiamentos	1.374.078	660.207	2.034.285	-239.364	-915.006	-108.679	-398.600	-1.661.649
(-) Contrat/Amortiz. Financiamentos Diversos	0	0	0	0	0	0	0	0
(=) Fluxo de Caixa Após Financiamentos	559.337	537.409	1.096.746	-958.467	-202.554	-69.515	-332.771	-1.563.307
(-) Variação de Reservas	0	0	0	0	0	0	0	0
(+) Integralização de Capital	0	0	0	0	0	0	0	0
(+) Outras Entradas/Saídas	-16.200	-149.997	-166.197	3.802	147	5.324	373.523	382.795
(=) Fluxo de Caixa Final	543.137	387.412	930.549	-954.665	-202.407	-64.192	40.751	-1.180.513
Saldo Inicial de Caixa	398.505	941.642	398.505	1.329.054	374.390	171.982	107.791	1.329.054
Saldo Final de Caixa	941.642	1.329.054	1.329.054	374.390	171.982	107.791	148.542	148.542

Começando a análise sobre o lucro operacional antes da crise, esse valor chegou próximo dos R\$ 2 milhões, no entanto, durante a crise econômica o valor fechou com um prejuízo de aproximadamente R\$ 73 mil. O investimento em capital de giro antes da crise era muito maior do que no período de baixa da economia, os números encontrados foram para a pré-crise de uma variação negativa de R\$ 1 milhão e 357 mil para um variação positiva R\$ 1 milhão e 709 mil para durante a crise. No período que antecede a crise, podemos perceber que a empresa estava crescendo e investindo, faturando mais e necessitando de mais recursos para financiar suas atividades operacionais. As média de faturamento anual antes da crise era de R\$ 17.249,46 oriundos de investimentos em novos produtos nesse período, onde o valores desses componentes eram elevados. Para o período durante a crise, entre os anos de 2014 a 2017, o investimento em capital de giro

teve variação positiva, pois a empresa reduziu de forma expressiva seu faturamento caindo para uma média anual de R\$11.539,05, liquidando seus fornecedores, recebendo de clientes e principalmente reduzindo seu nível de estoques. Pode se concluir através da análise do Fluxo de Caixa que o que foi captado antes da crise, foi utilizado para manter a atividade operacional de empresa.

O fluxo de investimentos antes da crise também foi maior, como já citado o volume de produção e vendas estava necessitando de maiores investimentos, já na crise com a baixa do faturamento e produção o fluxo de investimentos não foi expressivo, pois não precisa de recursos para atender à necessidade que era menor.

Quanto ao fluxo de financiamentos na pré-crise a empresa possuía um saldo de positivo de R\$ 1 milhão e 96 mil, significando que a empresa captou financiamentos de terceiros para cumprir as obrigações e sustentar a necessidade de capital de giro pelo crescimento dos negócios. Durante a crise, o valores foram de R\$ 1 milhão e 563 mil negativo, o que representa que a empresa pagou aos terceiros empréstimos e juros que foram adquiridos.

Analisando o fluxo final que foi positivo em R\$ 930 mil no período antes da crise econômica, enquanto durante o processo de recuo da economia o resultado da empresa foi negativo em R\$ 1 milhão 180 mil em seu fluxo final. Isso demonstra que a empresa antes da crise tinha mais capacidade de geração de caixa do que no período da crise.

Contudo, antes da crise os itens que mais consumiram caixa foram as atividades operacionais e de investimentos, pois a empresa necessitava maiores recursos para estes itens nesse momento para atender o volume de vendas que estava crescendo. No entanto, no período entre os anos de 2014 a 2017, os itens que mais consumiram caixa foram as atividades de financiamento, o que demonstra que a empresa pagou empréstimos, juros e despesas financeiras que foram contraídos para poder cumprir com as obrigações e despesas operacionais.

5 CONCLUSÃO

Conforme os dados analisados, concluímos que o objetivo geral proposto para o trabalho foi alcançado, demonstrando que a crise econômica dos últimos anos impactou nos resultados financeiros da empresa, prejudicando as principais operações da mesma. E a primeira hipótese levantada no início do trabalho sobre a crise do país está atingindo as empresas nos últimos anos também foi constatada, pois os indicadores pioraram como o de liquidez, rentabilidade, atividade e fluxo de caixa, e o indicador de endividamento melhorou.

O faturamento da organização foi muito atingido nesse período da crise. Anteriormente a empresa estava com o seu faturamento no seu melhor auge, produzindo e vendendo máquinas, consumíveis e serviços para seus clientes. No que começou a baixa no faturamento a empresa precisou tomar decisões como forma de estratégias de manter as principais operações e sua saúde financeira.

A empresa adotou como estratégias, diminuir seu quadro de funcionários, flexibilizar a jornada de trabalho e diminuir custos e despesas. No decorrer do período a organização verificou que não tinha mais como manter a estrutura de funcionários que se tinha, precisando demitir colaboradores. No final de 2014 a empresa tinha 50 funcionários e estava com planos de expansão, mas diagnosticou que a economia iria sofrer recuo e para se manter teve que diminuir seu quadro de colaboradores para 34. Em meados de 2015, precisou-se fazer mais demissões e a empresa ficou com um quadro de funcionários de 27 colaboradores.

Porém, tais medidas não foram suficientes para a empresa se manter rentável. A crise econômica teve o seu auge em 2016, onde a empresa apresentou seu pior desempenho. Isso está demonstrado no prejuízo acumulado desse ano que atingiu R\$ 688.967,03. Nesse ano a empresa adotou como estratégia a flexibilização da jornada de trabalho dos colaboradores, como forma de diminuir a folha de pagamento. A empresa também trabalhou para cortar custos e despesas que não fossem tão mais necessárias, tentando trocar de fornecedores, negociar condições e valores que ficavam mais favoráveis.

Como já mencionado seus resultados financeiros e indicadores pioraram com a crise, mas em 2017 a empresa começou reagir juntamente com a economia. Nesse ano a empresa já deu sinais de voltar para o lucro, mas ainda arcou com um prejuízo líquido de R\$ 1.185,51.

De acordo com os dados apresentados, verificou que a empresa mesmo tendo seus resultados desfavoráveis na crise, conseguiu administrar seu capital de giro, utilizando os recursos acumulados no período antes da crise, pois a gestão fez um bom trabalho reduzindo seu nível de endividamento, controlando de seus custos e despesas adotando medidas necessárias para cumprir seus deveres e demonstrando que poderá voltar a rentabilidade positiva em breve.

Com isso também podemos verificar que a segunda hipótese levantada para o trabalho de que as estratégias adotadas pela empresa para se manter no período foram eficazes.

Este trabalho contribuiu tanto para o meu conhecimento pessoal como profissional, proporcionando o aprendizado na área financeira de uma empresa que está inserida no principal setor da economia na região. Fazendo a pesquisa sobre o assunto escolhido, unindo a teoria à prática, estudando os principais autores especialistas da área de análise financeira.

Como profissional a elaboração do trabalho lhe permite analisar a empresa como um todo, mudando a visão que se tinha anteriormente, para uma nova. Permitindo ver que cada setor dentro de uma empresa tem sua importância para a contribuição de um bom resultado final de trabalho. Uma boa gestão financeira é muito importante para a empresa e um bom trabalho dela, com certeza contribuirá para o resultado positivo no final.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 10ª Edição. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 11ª Edição. São Paulo: Atlas, 2015.

ÁVILA, Carlos Alberto de. **Gestão Contábil para contadores e não contadores**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2012.

BAZZI, Samir. **Análise das demonstrações contábeis**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.

BLASTINGNEWS. **Crise Econômica**, 2017. Disponível em: <<http://br.blastingnews.com/news/tag/crise-economica/>>. Acesso em 26/08/2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão financeira: uma abordagem introdutória**. 3ª Edição. Baurer: Manole, 2014.

CONCEITO.DE. **Crise**, 2011. Disponível em: <<https://conceito.de/crise>>. Acesso em 30/09/2017.

COSTAS, Ruth. **Afinal, foi a copa que derrubou a economia?** 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140821_pib_brasil_ru> Acesso 27/10/2017.

CUNHA, Bruno. **Crise econômica, o que é e como afeta o meu bolso?** 2017. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/atualidade/economia/crise-economica-o-que-e-e-como-afeta-meu-bolso/>>. Acesso em 30/09/2017.

CURY, Anay.CAVALLINI, Marta. **Conheça cinco causas do 'fôlego curto' da economia brasileira**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/03/conheca-cinco-causas-do-folego-curto-da-economia-brasileira.html>>. Acesso 28/10/2017.

DAL ZOTTO GOMES, Alexandra Evelísia. SILVA MACHADO, Cláudia Cristiane da. KRYZOLUN, Maria Taciana. VEDOOTTO SCHENEIDER COUTINHO, Carina. **Impactos da Crise Econômica em Diferentes Setores**. XVI Mostra Científica, Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Programa Pós-Graduação em Administração-UCS, 2016.

EXAME. **Cronologia das crises mais graves desde 1929**, 2010. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/cronologia-crises-mais-graves-1929-572924/>>. Acesso 01/10/2017.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2012. Apostila.

FREZATTI, Fabio. **Gestão do fluxo de caixa: perspectivas estratégica e tática**. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 2014.

HOJI, Masakazu. **Administração financeira e orçamentária: matemática financeira aplicada, estratégias financeiras, orçamento empresarial**. 10ª Edição. São Paulo: Atlas, 2012.

LEITES, Eduardo Tomedi. **Apostila Análise Avançada das Demonstrações Contábeis**. 2º semestre de 2015.

LUZ, Érico Elcaterio. **Análise e demonstração financeira**. São Paulo, Pearson Education do Brasil, 2014.

MARQUES, Adhemar Martins. BERUTTI, Flavio. FARIA, Ricardo. **História Contemporânea através de textos**. 12ª Edição. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, Luisa. KOMETANI, Pâmela. **Crise política pode afetar recuperação da economia brasileira, dizem especialistas**, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/crise-politica-pode-afetar-recuperacao-da-economia-brasileira-dizem-especialistas.ghtml>>. Acesso em 26/08/17.

MICHELS, Erico. OLIVEIRA, Ney. WOLLENHAUPT, Sandro. **Fundamentos da economia**. 1ª Edição. Curitiba: Intersaberes, 2013.

NASCIMENTO, André do. **Gestão do Capital de Giro**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

OREIRO, José Luiz. **Origem, causas e impactos da crise financeira global de 2008, artigo de José Luiz Oreiro**, 2011. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2011/09/15/origem-causas-e-impacto-da-crise-financeira-global-de-2008-artigo-de-jose-luis-oreiro/>>. Acesso 07/10/2017.

PADOVEZE, Clovis Luis. BENEDICTO, Gideon Carvalho de. **Análise das Demonstrações Financeiras**. 3ª Edição. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

_____. MARTINS, Miltes Angelita Machuca. **Contabilidade e gestão para micro e pequenas empresas**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaber, 2014.

REVISTAPEGN.GLOBO.COM. **Para driblar a crise, melhor estratégia é manter relevância**, 2016. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Administracao-de-empresas/noticia/2016/11/para-driblar-crise-melhor-estrategia-e-manter-relevancia.html>>. Acesso em 05/09/2017.

SCHILLING, Voltaire. **Capitalismo entenda as teorias das crises que o assombram**, 2015. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/capitalismo-entenda-as-teorias-das-crise-que-o-assombram,eeaccf195f2e973a87bcf3610a42989flg1i4isl.html>>. Acesso em 30/09/2017.

SIMECS. **Crise no setor metalomecânico - empresas apresentam desempenho econômico preocupante nos primeiros cinco meses de 2015.** Disponível em: <<http://www.simecs.com.br/noticias/2015/06/17/crise-no-setor-metalmeccanico-empresas-apresentam-desempenho-economico-preocupante-nos-primeiros-cinco-meses-de-2015/>> Acesso em 26/08/2017.

STRUCK, Jean Philip. **O que levou o Brasil à atual crise econômica?** 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2016/03/03/o-que-levou-o-brasil-a-atual-crise-economica.htm>>. Acesso 27/10/2017.

TREVIZAN, Karina. **Brasil enfrenta pior crise já registrada poucos anos após um boom econômico,** 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/brasil-enfrenta-pior-crise-ja-registrada-poucos-anos-apos-um-boom-economico.ghtml>>. Acesso em 26/08/2017.

VEJA. **Crise política é principal ameaça para economia do Brasil, diz FMI,** 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/economia/crise-politica-e-principal-ameaca-para-economia-do-brasil-diz-fmi/#>>. Acesso em 26/08/2017.